

Caroline Gomes de Oliveira

EDUCAÇÃO EM FAVELAS: Experiências de professoras e professores de Educação Física

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

2019

Caroline Gomes de Oliveira

EDUCAÇÃO EM FAVELA: Experiências de professoras e professores de Educação Física

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Admir Soares de Almeida Junior

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

2019

Dedico este trabalho a:

Todas as mulheres negras e faveladas que vieram antes de mim, e que abriram os caminhos para que eu pudesse chegar até aqui.

Todos os sujeitos e sujeitas que resistem e residem em Favelas espalhadas pelo mundo.

AGRADECIMENTOS

Acredito que o primeiro passo para finalizar algum processo que nos é importante, é olhar para o caminho e ver que não estivemos caminhando sós, mas que fomos rodeados de pessoas que nos ajudaram a chegar até aqui. Dessa forma, essas pessoas tornaram o meu caminhar leve, bonito e cheio de miudezas, grandezas e belezas, se hoje estou aqui, devo muito a cada um que ajudou-me a percorrer esse caminho.

Inicialmente, agradeço à minha mãe Santa e ao meu pai Carlos, que com toda a garra lutaram contra as dificuldades da vida para me educar, que souberam entender com carinho os meus anseios de deixar um emprego para me formar professora e que acreditaram em mim quando muitos duvidaram.

Aos meus irmãos: Ana Kelly (Ana), Jéferton (Ton), Carla (Gatinha), Jelson (Zeck) e Ludimila (Tinti), que são a minha vida personificada na terra, que sempre me esperavam em casa com sorrisos no rosto prontos para conversar, para brincar ou sentar para ver um filme. Dos quais nos últimos tempos, precisei me afastar, por vezes, para assumir minhas responsabilidades acadêmicas, mas que com muito carinho me olhavam como quem diz: “eu entendo...vai lá, mas volta pra brincar, que a gente te espera.”

À minha companheira Priscila, que com todo amor, carinho e paciência se fez ouvinte no meu processo de escrita, que soube me tirar do eixo quando eu precisei, mas que também teve a destreza de me colocar para frente quando eu vacilava que foi ombro para os meus momentos chorosos e que, sobretudo, teve a sensibilidade de me olhar com delicadeza, de se fazer presença em todo esse processo.

Às amigas e amigos que tive a felicidade de conhecer nos caminhos da vida, pelos quais tenho um carinho especial a Nati (minha fiel e eterna dupla), Roberta, Babi, Ana Cláudia, Marcellinha, Raquel, Thatilla, Laurinha, Riane, Carol C. e o Marcelo, todos vocês me inspiram e tornaram meu caminhar mais leve.

Ao meu querido orientador Admir, que com leveza, sabedoria e sutileza, topou se aventurar comigo nesta saga chamada TCC. Que a todo momento se fez escuta, que soube me falar as palavras certas para os meus momentos de aflição com toda a paciência do mundo. Você é umas das referências de professor que levarei para a vida.

Às professoras Paula, Luisa e Ana Luiza e ao professor Samuel, que se dispuseram a narrar a sua atuação com boa vontade para que este TCC fosse escrito, sem a colaboração de vocês não seria possível.

Por fim, agradeço a todas as professoras e professores que atravessaram o meu caminhar e me ajudaram a construir a sujeita professora que me torno.

A todas e todos, a minha mais sincera gratidão!

Favela é existência.

Favela é resistência!

Que habita no corpo da mulher que sou!

Caroline Oliveira

RESUMO

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir da inquietação de se refletir sobre as relações entre educação, territórios e contextos sociais, tendo como tema a atuação de professoras e professores de Educação Física em escolas de Favelas de Belo Horizonte. Os objetivos da pesquisa foram compreender o trabalho docente desses professores, assim como identificar limites, dificuldades e possibilidades que possam emergir de sua prática. Para o desenvolvimento do trabalho realizei entrevistas narrativas com três professoras e um professor. As entrevistas foram transcritas e interpretadas a partir dos pressupostos do paradigma indiciário. Ao longo do processo de interpretação das narrativas dos docentes, surgiram quatro eixos: 1) fazeres da Educação Física escolar em Favelas; 2) relações construídas entre os sujeitos; 3) apropriações do espaço escolar por parte da comunidade; 4) espaço simbólico que a escola ocupa nesses contextos. Por fim, reflito sobre como a educação em Favelas se expressa de maneira potente, entretanto, ressalto que para compreender essa riqueza é necessário que a formação inicial de professores – sobretudo de Educação Física – elabore estratégias de aproximação e diálogo com as escolas faveladas.

Palavras Chaves: Educação; Favela; Educação Física.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.2 Objetivos Gerais.....	12
1.2.1 Objetivos Específicos.....	12
2 AFINAL, O QUE É FAVELA?	13
2.1 Favela: espaço de disputas, permanências e resistências.	17
3 EM BUSCA DE PROFESSORAS E PROFESSORES	21
3.1 Colhendo Narrativas.....	23
3.2 Quem somos? Onde estamos?.....	25
3.2.1 Paula.....	25
3.2.2 Luisa.....	26
3.2.3 Samuel.....	27
3.2.4 Ana Luiza.....	28
4 A EDUCAÇÃO NA FAVELA	29
4.1 Educação (Física): Fazeres e saberes na Favela.....	29
4.2 Relação Professores-alunos.....	35
4.3 Apropriação dos espaços/tempos das escolas pela comunidade	39
4.4 <i>Favela</i> escola: Espaço Simbólico	42
5 LIMITAÇÕES E POSSIBILIDADES	45
6 CONSIDERAÇÕES INCONCLUSIVAS	56
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICES	61

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema a atuação de professores (as) de Educação Física em escolas de periferia urbana (Favelas) de Belo Horizonte - MG. A escolha desse tema está relacionada a minha vivência como moradora de favela na qual nasci e me criei, de onde provêm os meus ideais, minha formação cidadã e a força para estar no lugar que hoje ocupo. Nesse sentido, tive a minha trajetória escolar traçada em escolas periféricas - que são aquelas que estão em área de vulnerabilidade social ou que atendem majoritariamente estudantes que se enquadrem nesse contexto. Esses espaços se constituem por uma série de segregações e exclusões que permeiam o cotidiano de quem os ocupa e das instituições que se instauram nesses lugares. Para Meireles (2013, p. 17) “É nas periferias onde podemos visualizar a pobreza das nossas cidades e também a desigualdade social existente dentro delas, sejam elas metrópoles, sejam pequenas cidades”.

A partir disso, desde o meu ingresso na universidade tenho percebido que discussões sobre a Educação em periferias ou em Favelas, ou ainda a educação de crianças e jovens que se encontram nesses lugares, tem sido pouco explorada. Para Valiati (1995) a formação acadêmica é insuficiente para vislumbrar os desafios e possibilidades emergentes da prática docente nesses espaços, por consequência negando-nos uma visão crítica e sensível do que seja ser um educador/professor nesses contextos. Atuar em escolas da periferia e favelas, na maioria das vezes, exige de nós uma forma de olhar esses espaços e alunos/as diferente do modo como fomos educados, buscando superar um olhar estigmatizado que o senso comum produz sobre eles. Faz-se necessário repensar esse olhar. Ainda segundo a autora “o olhar do professor sobre a escola de periferia precisa ser desinstalado a fim de ser compreendido e de se tornar mais sensível frente às necessidades desse contexto.” (VALIATI, 1995, p. 1)

Nesse sentido, ao longo de minha trajetória de formação como professora de Educação Física, articulada às minhas experiências como uma pessoa que transita entre a Favela e a Universidade – que carrega gravada a luta diária de ser uma mulher negra e favelada, entende as amarguras e doçuras que é ocupar esses espaços como forma de resistir a um sistema que invisibiliza a produção e as vidas dos que estão junto a mim – despertou-me o interesse de voltar meu olhar para esse lugar que, por muitas vezes, não é percebido como um ambiente que carrega potencialidades e resistências.

Falar de Periferia é falar de sujeitos invisibilizados socialmente. Nas Escolas periféricas não é diferente, pois além de receber esses sujeitos invisibilizados, elas também se tornam invisíveis, carregando uma gama de estigmas a ela destinados. Muitas delas são taxadas como escolas “ruins”. Historicamente, vem sendo construído um discurso sobre essas escolas e seus docentes, associando-os a uma naturalização do fracasso escolar. Este que se materializa numa dificuldade/incapacidade de desenvolver práticas pedagógicas com qualidade, aliado aos baixos índices do IDEB¹ (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica). Portanto, segundo Meinerz (2010, p. 383) é importante “compreender que algo foi historicamente produzido é reconhecer que poderia ter sido configurado de outra maneira e, sobretudo, que existem outros caminhos possíveis no seu devir.” Assim, torna-se imprescindível compreender quem são esses sujeitos, de que lugares eles vem e como eles chegam às escolas. Só assim, será possível pensar em estratégias pedagógicas que respeitem as suas peculiaridades e existências sociais. (Dacoregio; Dantas. 2013, p. 72)

Portanto, as escolas e sujeitos envolvidos nesses contextos necessitam buscar o entendimento desse lugar como um espaço de resistência urbana, que carrega consigo suas barreiras sociais e territoriais (invisíveis ou não), de modo a pensar a sua inserção e atuação docente junto à comunidade:

Quando nos referimos à escola de periferia chamamos a atenção para um local que apresenta uma problemática bem complexa e específica. Nessas escolas, o contexto social, econômico e político interfere no trabalho do professor e no processo de aprendizagem dos alunos. (VALIATI, 1995, p. 2)

Sendo assim, é necessário que a escola enquanto instituição social seja capaz de olhar para o contexto específico da Periferia/Favela e entender os “trejeitos” que permeiam esse espaço, a fim de reconhecer as pautas ali presentes e desenvolver um trabalho que não reproduza as desigualdades² que já assolam a população em seu entorno.

No tocante ao professor/a de Educação Física, esse entendimento se torna necessário, partindo da ideia que os sujeitos estudantes com os quais se relacionam cotidianamente, chegam às

¹ Criado em 2007 e reúne, em um só indicador, os resultados de dois conceitos igualmente importantes para a qualidade da educação: o fluxo escolar e as médias de desempenho nas avaliações. Ele é calculado a partir dos dados sobre aprovação escolar, obtidos no Censo Escolar, e das médias de desempenho nas avaliações do Inep, o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) – para as unidades da federação e para o país, e a Prova Brasil – para os municípios. Disponível em: <http://inep.gov.br/ideb>

² A escola acaba por muitas vezes sendo reprodutora de desigualdades sociais, que está pautado no texto: A escola Conservadora: as desigualdades frente à escola e a cultura, por Pierre Bourdieu

escolas marcados pelos costumes e as vivências da “quebrada”³ onde habitam, que acabam por influenciar diretamente na relação que os mesmos desenvolvem com a sua corporalidade nas aulas ou fora delas. De acordo com Dayrell (2007). Esse autor afirma que para esses alunos as periferias são espaços de resistência, onde os mesmos constroem suas redes de sociabilidade carregadas de sentidos afetivos e simbólicos. Em diálogo com as afirmações de Dayrell (2007), Meinerz (2010, p. 382) complementa dizendo que os alunos “constroem uma sociabilidade que subverte a lógica escolar”. E essa subversão irá se expressar na forma como os estudantes se relacionam com os sujeitos e demandas escolares.

Para Pereira (2003) é importante buscarmos formas que considerem as manifestações trazidas por esses sujeitos, bem como repensar atividades pedagógicas a fim de que as mesmas considerem e dialoguem com as experiências dos estudantes moradores das Periferias/Favelas.

Portanto, a presente pesquisa nasceu de uma inquietação: como as aulas de Educação Física vem sendo desenvolvidas nas escolas que estão inseridas em Favelas/Periferias?

Neste sentido, torna-se importante reflexionar formas de aproximação das discussões acadêmicas produzidas no contexto da formação inicial de professores e a prática pedagógica de docentes que atuam em contextos tão singulares.

No tocante à formação inicial de professores – em especial de Educação Física – as conexões estabelecidas com as escolas do entorno universitário, acabam sendo ineficazes para pensar a educação na periferia, visto que elas não se enquadram nesse contexto, por consequente, não expressam as possibilidades para pensar a prática em outras conjunturas. Segundo Ribeiro e Hunger (2014, p. 194), a formação inicial precisa dar conta de contemplar fundamentalmente as dimensões do conteúdo específico, pedagógico e político que emergem dos saberes docentes produzidos e mobilizados em contextos tão singulares.

No campo da Educação Física Escolar, poucos estudos sobre esta temática foram desenvolvidos, mesmo se tratando de um tema emergente para a nossa formação e atuação. Entretanto, muitos professores podem se ver atuando em escolas dessa natureza e serão desafiados a mobilizarem um conjunto de saberes com os quais pouco tomaram contato em sua formação inicial. Segundo Ribeiro e Hunger (2014) esses são alguns dos saberes necessários à atuação docente:

³ É um nome dado a Favela pelos seus moradores.

i) a negociação para o uso do espaço evidente no currículo oculto da escola, j) equilíbrio emocional para lidar com as histórias de vida dos alunos e os não saberes: k) administração de reuniões com pais e l) como responder em determinadas situações que não fazem parte do contexto e da história pessoal (RIBEIRO; HUNGER. 2014, p. 200)

Ademais, partindo da premissa que muitos de nós professores de Educação Física iremos encontrar, em algum momento da nossa trajetória, escolas que se encontram no contexto a ser desenvolvido neste trabalho, torna-se notável a necessidade de estudos que nos levem a entender e refletir sobre os tempos e sujeitos que encontraremos. Assim, poderemos entender as possibilidades e dificuldades que ocasionalmente se expressarão em nossa atuação docente nesses cenários. Dessa forma, teremos a possibilidade de não reproduzir o olhar pejorativo e as condições de desigualdade que assolam as escolas periféricas.

Por fim, pensar em uma educação homogênea para espaços não homogêneos como as periferias urbanas - Favelas - é desconsiderar a pluralidade de formas de expressar-se, de existir e resistir no espaço urbano que dali emerge.

Portanto, neste trabalho procuro entender como se dá a atuação de professores de Educação Física em escolas nesse contexto, propondo-me a compreender a atuação docente em escolas que se encontrem em Favelas da região central de Belo Horizonte.

1.2 Objetivos Gerais

- Compreender o trabalho docente de professores (as) de Educação Física que atuam em escolas de periferia da cidade de Belo Horizonte - MG

1.2.1 Objetivos Específicos

- Identificar limites, dificuldades e possibilidades para o desenvolvimento da prática pedagógica dos docentes de Educação Física;
- Refletir sobre a prática, saberes e estratégias produzidas pelos docentes na relação com a comunidade escolar.

2 AFINAL, O QUE É FAVELA?

“O palácio, é a sala de visita. A prefeitura á a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam lixos. [...] Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludo, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto de uso, digno de estar num quarto de despejo.” Carolina Maria de Jesus

Inicio este item do texto dialogando com Carolina, escritora favelada, que no decorrer de sua vida escreveu para contar da realidade da vida na Favela. Seus textos retratam seus sentimentos, alegrias e angústias evidenciar como é duro o olhar que estigmatiza esse espaço. Os textos de Carolina me ajudaram a refletir que pensar e falar de educação nas periferias urbanas é necessário que se entenda esse lugar para além da sua delimitação demográfica, isto é; também pensar esse lugar como uma construção histórico-social e cotidiana. Ademais, é necessário que se entenda como se deu a formação desses espaços nos centros urbanos e quais as representações e re-significações esse espaço vem recebendo no decorrer do tempo.

Portanto, irei me atentar às conceituações de Periferia e Favela - periferias centrais - de forma a entender o processo histórico da formação desse conceito e como essa construção nos leva a pensar outros desdobramentos de periferias urbanas, que para Meireles (2013, p. 17) “São locais dentro do espaço urbano que não se caracterizam como centralidades.”.

As Periferias já foram caracterizadas como áreas essencialmente carentes onde residem pessoas que são excluídas de acesso a benefícios urbanos, como cita Teixeira e Souza (2000, p. 293). Tal compreensão acaba dando brechas para a construção de uma visão estereotipada da periferia

As representações estereotipadas sobre as periferias onde residem os grupos sociais mais empobrecidos da cidade orientam, muitas vezes, políticas públicas e investimentos sociais privados. Estes, além de não efetivarem as reais demandas dos seus moradores, contribuem para reforçar processos de expropriação material e apropriação simbólica que fragilizam estratégias coletivas construídas pelos grupos dos territórios periféricos para exercerem o seu direito à cidade. (Carta da Maré, Rio de Janeiro - Manifesto das Periferias, 2017, p. 1)

Esses conceitos foram criados a partir de padrões urbanísticos que qualificam e que dão significações ao que seria esteticamente visível para representar a imagem dos grandes centros urbanos, como explicitado na Carta Manifesto da Maré

A dinâmica de estigmatização acontece tanto nos países dominantes (hegemônicos) como nos países subalternizados (não hegemônicos) na ordem econômica e sóciopolítica vigente. Seus pressupostos são sóciocêntricos: os padrões utilizados para qualificar as periferias, em geral, são referenciados em teorias urbanísticas e pressupostos culturais/estéticos vinculados a determinadas classes e grupos sociais hegemônicos (dominantes). Eles consagram o que é um ambiente saudável, agradável e adequado às funções que uma cidade deve exercer no âmbito do modelo

civilizatório em curso. Na mesma linha, definem um determinado conceito de ordem e as formas pretensamente adequadas de comportamento social e de agir no mundo. (Carta da Maré, Rio de Janeiro - Manifesto das Periferias, 2017, p. 1)

Conceitos estereotipados e reduzidos que foram produzidos e reproduzidos ao longo da trajetória de construção do que seja uma periferia como conhecemos na atualidade se apresentam de forma reduzida, pois os mesmos acabam por desconsiderar a pluralidade de possibilidades expressas no território periférico. Para Davis (2006, p.33) a conceituação que se restringe apenas às características físicas é feita de forma a se evitar exprimir as dimensões sociais que englobam esses espaços. Portanto, para compreender a periferia numa perspectiva mais ampla, me proponho a pensá-la a partir de um conceito de território na sua dimensão contemporânea apresentada por Rivadavia:

Não se trata apenas dos seus aspectos físico-geográfico, mas de um espaço onde é possível se sentir “em casa”, do “pedaço”, onde seus moradores são reconhecidos, conhecem as regras locais e é protegido por uma intensa rede de relações entre parentes, vizinhos e pela sua “procedência” naquele lugar.[...] E são territórios que os sujeitos criam, recriam práticas que articulam uma diversidade de símbolos, que geram diversos estilos, que “falam” e “influenciam” suas experiências de vida. (RIVADÁVIA, 2016, p. 190)

Nessa perspectiva, o espaço periférico é pensado para além de suas barreiras físicas-geográficas e passa a se expressar por um conjunto de práticas e vivências sociais e humanas que constituem esse lugar o que vai ao encontro ao da carta Manifesto das periferias:

A definição de periferia não deve ser construída em torno do que ela não possuiria em relação ao modelo dominante na dinâmica sócio territorial ou da distância física em relação a um centro hegemônico. Ela deve ser reconhecida pelo conjunto de práticas cotidianas que materializam uma organização genuína do tecido social com suas potências inventivas, formas diferenciadas de ocupação do espaço e arranjos comunicativos contra-hegemônicos e próprios de cada território. (Carta da Maré, Rio de Janeiro - Manifesto das Periferias, 2017, p. 2)

Atrelado aos conceitos histórico-sociais de periferia surgiram também conceituações de um espaço territorial que se expressa com um julgamento de ausências da homogeneidade das suas construções e espaços, que se diferem esteticamente do que seriam as construções urbanas pré-estabelecidas para as cidades, tendo-se assim nesses espaços, paisagens tidas como diversificadas.

Ademais, também busco dialogar com os conceitos de periferia urbana que a reconhecem como um espaço que está no íntimo dos grandes centros, que se desenvolveu ao longo da história paralelamente com as grandes metrópoles brasileiras, e que recebeu - até hoje recebe - o nome de FAVELA. O termo Favela carrega vários sentidos e significados para os que o

pronunciam e para os que escutam: para uns traz questões de depreciação do espaço, já para outros o nome é símbolo de resistência. Entretanto, não desconsidero que existam outros pensamentos sobre periferia, como, por exemplo, aquele que a considera como um lugar que se encontra no entorno dos grandes centros urbanos. Porém, como já destacado, me atento a trazê-la como um espaço que se materializa no interior das delimitações das cidades, ligada ao nome Favela. Considero que tomar a Favela como eixo da discussão é muito mais do que falar de um espaço físico-geográfico, mas aflorar todas as grandezas e miudezas que esse espaço representa enquanto símbolo de potência e resistência que o nome carrega.

O termo Favela para nomear espaços se propagou pelo o cenário brasileiro ao identificar um morro no Rio de Janeiro, segundo Jane Oliveira e Maria Marcier:

É fato conhecido que o termo favela evoca suas origens o local do sertão baiano onde se concentrava os seguidores de Anestounio Conselheiro, tendo-se difundido no Rio a partir da ocupação do morro da Providência por soldados que voltavam da campanha de Canudos e começaram a chamá-lo de morro da Favela. (Oliveira; Marcier. 1998. p. 64)

A palavra favela vem da nomeação de um arbusto que é muito comum na região de Canudos, que se espalhava rapidamente pelas terras. Esse significado inicial da palavra, recebe ressignificações por partes dos soldados que ao retornarem ao Rio de Janeiro encontram no crescimento de habitações populares no Morro da Providência um espaço semelhante ao crescimento da planta favela. Entretanto, a palavra se torna um termo destinado a nomear espaços de ocupações irregulares e ilegais, que se situavam majoritariamente em morros e que abrigavam a população pobre das cidades, apenas na segunda metade do século XX. (PASTERNAK, 2008)

Em Belo Horizonte, não foi diferente. O nome para identificar espaços que estavam fora a linha que contornava a construção da nova capital de Minas Gerais - em geral os espaços onde residiam os operários que vieram para a construção da cidade - ficou conhecido, em 1895, como “Alto da Favela”⁴, termo que fazia uma alusão à pobreza estabelecida no local que posteriormente no ano de 1902, foi removida pelo poder público local. Nessa perspectiva, o nome Favela inicialmente era usado como forma de estigmatizar um espaço pelo aspecto de construção de suas casas e pelas condições de vida dos sujeitos que ali residiam, desconsiderando outros aspectos. Para Oliveira, esse tipo de representação:

oculta as diferentes formas de uso e de habitação, apagando a heterogeneidade da composição social e dos vínculos dos indivíduos e dos grupos com as instituições que organizam a vida urbana. O discurso das ausências, da precariedade e da desigualdade sustentam uma representação segregada do território da cidade. Essa

⁴Mais informações: Oliveira, 2013.

visão apaga os diversos vínculos transversais dos moradores com diferentes espaços de sociabilidades urbanos. (Oliveira, 2013, p. 14)

Tomando como referência as ideias do autor podemos entender a Favela não apenas como uma conformação urbana, mas como uma confluência de estereotipia e estigmatização desse espaço. O termo Favela nasce de uma disputa de poderes sobre os espaços urbanos da metrópole. Desse modo, ao entendê-la como um espaço diversificado que carrega projetos e se articula com formas muito diversificadas e ricas na expressão da vida urbana, pode-se assim ressignificar o nome Favela. (Oliveira, 2013).

Nesse sentido, Favelas são as periferias que estão nos centros urbanos sendo configuradas como espaços não homogêneos no que tange à sua estrutura e vivências dos sujeitos que as constituem e são constituídos por ela. A Favela foi e ainda hoje “é definida pelo que não seria e pelo que não teria” Sousa e Silva, et.al (2009, p. 16), definição essa que não faz alusão a toda uma gama de possibilidades do que é se pensar e falar sobre a Favela, como sendo um espaço imerso na constituição das cidades.

Para o Observatório das Favelas⁵ (2009) o maior desafio em compreender a Favela é entender as suas diversidades e dinâmicas sejam elas sociais econômicas ou culturais. Nesse sentido, o coletivo entende que:

As favelas constituem moradas singulares no conjunto da cidade, compondo o tecido urbano, estando, portanto, integrado a este, sendo, todavia, tipos de ocupações que não seguem aqueles padrões hegemônicos que o Estado e o mercado definem como sendo o modelo de ocupação e uso do solo nas cidades. Estes modelos, em geral, são referenciados em teorias urbanísticas e pressupostos culturais vinculados a determinadas classes e grupos sociais hegemônicos que consagram o que é um ambiente saudável, agradável e adequado às funções que uma cidade deve exercer no âmbito do modelo civilizatório em curso. (OBSERVATÓRIO DAS FAVELAS, 2009, p.21)

Nessa perspectiva, a Favela é entendida como um território que constitui a cidade na sua totalidade ou parcialidade. Para sustentar esse argumento foi elencado questões que justificam a mesma como tal:

- Insuficiência histórica de investimento do Estado e do mercado formal, principalmente o imobiliário, financeiro e de serviços;
- Forte estigmatização sócio-espacial, especialmente inferida por moradores de outras áreas da cidade;

⁵ Organização da sociedade civil de pesquisa, consultoria e ação pública dedicada à produção do conhecimento e de proposições políticas sobre as favelas e fenômenos urbanos. Criado em 2001, o Observatório é desde 2003 uma organização da sociedade civil de interesse público (OSCIP). Com sede na Maré, no Rio de Janeiro, sua atuação é nacional. Foi fundado por pesquisadores e profissionais oriundos de espaços populares, sendo composto atualmente por trabalhadores de diferentes espaços da cidade. Disponível em: <http://of.org.br/apresentacao/>

- Edificações predominantemente caracterizadas pela autoconstrução, que não se orientam pelos parâmetros definidos pelo Estado;
- Apropriação social do território com o uso predominante para fins de moradia;
- Ocupação marcada pela alta densidade de habitações;
- Indicadores educacionais, econômicos e ambientais abaixo da média do conjunto da cidade;
- Níveis elevados de subemprego e informalidade nas relações de trabalho;
- Taxa de densidade demográfica acima da média do conjunto da cidade;
- Ocupações de sítios urbanos marcados por um alto grau de vulnerabilidade ambiental;
- Alta concentração de negro (pardos e pretos) e descendentes de indígenas, de acordo com a região brasileira;
- Grau de soberania por parte do Estado inferior à média do conjunto da cidade;
- Alta incidência de situações de violência, sobretudo a letal, acima da média da cidade;
- Relações de vizinhanças marcados por intensa sociabilidade, com forte valorização dos espaços comuns como lugar de convivência. (OBSERVATÓRIO DAS FAVELAS, 2009, p.22)

Seguindo essa direção, entendo a Favela como um espaço que não se desvincula da cidade, sendo constituinte da mesma. Contudo, esses espaços se configuram a partir de uma lógica interna em que seus tempos e sujeitos vêm de um nexos que contraria a congruência estabelecida nas cidades. Nesse sentido, Silva (2009, p. 34) afirma que ao se pensar o conceito de Favela é necessário “pensá-la como se pensa a cidade, ou partes da cidade, em que bairros apresentam particularidades, mas não são intrinsecamente associados às contradições e processos mais gerais da urbanização.”

Alba Zaluar propõe que ter a Favela como foco é ir na contramão de um pensamento que está dado no imaginário social desses espaços e que, portanto: “É também tentar mostrar, por exemplo, que a favela não é um mundo de desordem, que a idéia de carência (“comunidades carentes”), de falta, é insuficiente para entendê-la. É sobretudo, mostrar que favela não é periferia e nem está à margem.” (Zaluar, 1998, p. 21).

2.1 Favela: espaço de disputas, permanências e resistências.

Respeitem o nosso local, não venham com esse plano de desfavelamento, que nós também não arrombamos a casa de vocês [...] Todos sabiam que a favela não era o paraíso, mas ninguém queria sair. (Conceição Evaristo, 2013)

Ao longo deste trabalho, proponho pensar a Favela como um espaço rico em possibilidades e potências. Ressalto que esses espaços também estão nas linhas de disputas por território nos centros urbanos, pois sabe-se que as Favelas são originárias da ocupação de espaços urbanos

conforme ressalta Canetti (2016, p. 116) “As ocupações de vilas e favelas são, na verdade, a resposta dos indivíduos excluídos do mercado de terras e moradia devido aos reduzidos recursos para se instalar nas cidades.” Dessa forma, o espaço/território favelado é uma reivindicação social pelo direito à moradia digna e de qualidade que está expresso no artigo 6º da Constituição Federal de 1988⁶. Assim, na maioria das vezes ir construir sua casa na Favela, ou em outras zonas periféricas mais afastadas das regiões centrais, se torna a saída que essas pessoas encontram para residir e resistir nas grandes cidades.

Portanto, é necessário pensar o espaço das grandes cidades brasileiras e entendê-las como um território de disputas de classes que se expressa, segundo Canetti (2016, p. 114) com “a apropriação da mais-valia, assim como entre aqueles que não tem nada, a não ser a força do seu trabalho”, que se manifesta nos modos de vida desses sujeitos. Nesse sentido, a Favela ocupa um “entre-lugar” da cidade e da não-cidade; um espaço que está entre o legal e o ilegal. Nesta linha de raciocínio, não se desvincula do ato de se pensar e de se trazer a Favela como foco de discussão, as diversas formas nas quais esses locais disputam espaços na organização espacial das cidades junto aos demais bairros urbanos que, por vezes, está pautada nas grandes cidades pelo poder aquisitivo do povo que reside naquela região. Para Canetti “a organização espacial da população é um reflexo da forma como é estruturado o espaço urbano. No processo de urbanização ela é condicionada pela dinâmica da acumulação capitalista voltada pela realização do lucro.” Canetti (2016, p. 116) Portanto, a Favela luta pela legalidade do seu território, assim como pelo direito de permanência desses sujeitos, se tornando palco de lutas diárias traçadas desde os primórdios dos surgimentos das primeiras comunidades faveladas brasileiras.

Essa dualidade entre a cidade e a não-cidade enfrentada pelas Favelas causa muitos embates no que tange à sua permanência física no cenário urbano. A Favela se torna sempre alvo de processos de gentrificação do seu espaço, nos quais a população precisa deixar as suas casas e suas raízes para se deslocarem para ambientes outros. Nessa lógica, a retirada desses sujeitos de seus espaços faz desaparecer a imagem das grandes Favelas das regiões metropolitanas, como se quisessem apagá-las do mapa. Trata-se de um processo de silenciamento e exclusão do povo favelado, para Resgala:

A retirada da população pobre que habita irregularmente áreas mais centrais da capital, e a sua realocação em regiões distantes revela a dinâmica pela qual são excluídos da cidade aqueles incapazes de “pagar” por ela. Este processo acompanha

⁶ São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

o movimento imposto pela dinâmica imobiliária, que faz com que aqueles com renda inferior, não conseguindo ter acesso formal a terrenos e áreas mais centrais, sejam direcionados às áreas periféricas onde encontram preços acessíveis à sua renda. Já no caso dos moradores de favelas centrais, que têm na ocupação irregular a forma de habitarem próximos a regiões mais valorizadas, o seu deslocamento para as áreas periféricas é imposto pela ação direta do Estado. (RESGALA, 2016, p. 164)

Essa retirada, além de fruto de um processo de invisibilização de um espaço, de um povo, é fruto também das pautas do mercado imobiliário que vê nos territórios favelados formas de aumentar o seu lucro. Esse procedimento atinge com mais força as Favelas que se encontram em espaços supervalorizados nas cidades.

Em muitos espaços, nota-se as paisagens permeadas por arranha-céus luxuosos se confundem com a paisagem das casas simples de alvenaria, algumas pintadas, outras na cor de cimento ou simplesmente na cor de tijolos. Casas que revelam a simplicidade de sua construção, mas que não deixam de marcar ali um território de acolhimento, de miudezas, de riquezas, culturas e belezas. O território favelado carrega a resistência de se enraizar em um solo e local no qual não é desejado, de se fazer reluzir em uma cidade que o quer apagar. Na Favela, a resistência por existência é diária e a luta por conquista de espaço é presença constante. A busca por se consolidar nos centros urbanos se faz necessária, pois “a luta pela consolidação desses espaços favelados em meio às zonas centrais da capital vai contra a tendência, a nível macro, de periferação da população pobre.” Motta (2016, p. 144). Quando a Favela ascende se rompe as estruturas, quando a favela se levanta, tem-se a possibilidade de subverter a lógica de exclusão, fazendo florescer a sutileza do olhar para os sujeitos, corpos e culturas que ali se amalgamam.

As Favelas sempre sofreram e ainda sofrem com um processo de silenciamento e apagamento dos seus corpos, de seus costumes e culturas nos espaços da cidade, ela vem sendo, sistematicamente, segregada da participação no lócus central, Suzana Pasternak nos ajuda a entender que:

a cidade não segregada e diversificada ensina a ver outras pessoas, outras ideias, outros grupos. Traduz-se como local de convívio e o convívio com a diversidade reflete-se na aceitação do diferente.[...] E para criar espaços de convívio, necessita-se conhecer os espaços do homem, desvendar a relação entre espaço e sociedade, entender as relações entre essas duas dimensões e suas mediações.(PASTERNAK, 2008, p. 75)

Nessa perspectiva, entender a Favela como parte dessa cidade não segregada como afirmado pela autora é entendê-la como um espaço diverso e multicultural que carrega suas riquezas e belezas, que constrói uma relação única e inenarrável com o espaço que a constitui, com os sujeitos que a habita e com a cidade. Dessa maneira, se mostra como imprescindível se pensar

em uma nova forma de se enxergar e dar lugar de fala as Favelas no cenário urbano, como foi proposto por Clarice Libânio:

um novo mapeamento das favelas da cidade é um caminho a ser trilhado: não mais incluindo os pobres no mapa, olhando a favela de fora para dentro, de cima para baixo, mas antes construindo, junto com as comunidades, sua própria configuração espacial e sua própria percepção a respeito das intrincadas e complexas relações entre riqueza e pobreza no meio urbano. (LIBÂNIO, 2016, p. 286)

É se ouvindo voz e o lugar de fala que se constrói um novo olhar sobre um espaço que para muitos é desconhecido e inimaginável. Como nos lembra Conceição Evaristo (2013, p.168) “A favela era grande e toda recortada por becos. Alguns becos tinham saída em outros becos, outros não tinha saída nunca. Eram como ruas estreitas que se cruzavam e se bifurcavam.” Toda Favela é grande na sua miudeza e só enxergamos essa grandeza, só nos arriscamos a conhecê-la quando nos deixamos arriscar pelos becos de histórias e potências que ela nos apresenta.

3 EM BUSCA DE PROFESSORAS E PROFESSORES

Este estudo foi realizado a partir de uma abordagem qualitativa, no qual “se centra na descrição, análise e interpretação das informações recolhidas durante o processo investigatório, procurando entendê-la de forma contextualizada” (Triviños, 1999, p. 61). Neste sentido, o campo investigativo foi constituído a partir de uma aproximação com os estudos sobre as Narrativas Autobiográficas das experiências docentes vividas nas escolas, que se expõem por meio dos relatos autobiográficos os quais podem ser entendidos como um processo de:

Ordenar e atribuir sentidos aos acontecimentos, articulando-os em uma sequência temporal significativa, permite ao/a narrador/a a elaboração de imagens de si, do outro e do mundo e a atribuição de significados às suas experiências, constituindo-se como uma forma discursiva privilegiada para a compreensão das interpretações dos sujeitos sobre si mesmos, numa possível invenção de si. (TEIXEIRA; PÁDUA, 2006, p. 2)

Para que meu projeto tomasse vida, o primeiro movimento que realizei foi elencar critérios para a escolha das professoras e professores que seriam sujeitos dessa pesquisa. Dessa forma, definimos que os docentes deveriam ser licenciados em Educação Física, bem como atuar nas escolas há mais de 3 anos. Além disso, era importante que os docentes desenvolvessem um trabalho diferenciado com a educação física nas comunidades. Com os critérios elaborados iniciei um diálogo com a Professora Juliana Araújo de Paula que, no momento, atua na Gerência do Programa Escola Aberta⁷ da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Relatei a ela sobre a pesquisa, já que ela possui conhecimento sobre muitas escolas e realidades escolares que atendiam o meu objeto de estudo. Ela se propôs a me enviar um e-mail contendo informações sobre escolas que se encontravam em Favelas de todas as regionais da cidade e que poderiam atender aos critérios iniciais do meu trabalho.

Após o recebimento do e-mail com os nomes e endereços das escolas, escrevi uma carta convite apresentado a mim e ao projeto, relatando sobre os seus principais objetivos e justificando a sua importância e relevância. Enviei a carta por e-mail, a cada escola para que se tornasse viável o meu primeiro contato com as instituições e com as professoras e professores, porém não obtive nenhuma resposta. Fiz contato inicial com sete escolas situadas

⁷ É um programa da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte que se dispõe da abertura das escolas nos fins de semana e a noite potencializa a parceria entre a instituição e a comunidade ao ocupar criativamente o espaço escolar com a oferta de atividades educativas, culturais, esportivas, de formação inicial para o trabalho e geração de renda. O programa tem como objetivo contribuir para a melhoria da qualidade da educação, a inclusão social e a construção de uma cultura de paz, além de ampliar as oportunidades de acesso a espaços de promoção da cidadania e contribuir para a redução da violência escolar, por meio da melhoria do capital social e humano nas comunidades. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/educacao/escola-aberta>, último acesso em 30/04/2019.

nas regionais centro-sul e leste. Não obtendo retorno das escolas decidi que iria fazer contato telefônico com cada uma, buscando obter informações sobre o docente de Educação Física na escola. Assim o fiz: em uma tarde, liguei para cada uma das escolas. Algumas deram-me informações sobre como encontraria o professor ou professora e aconselharam a ir pessoalmente apresentar-me a eles.

Dando continuidade à busca pelos professores, escolhi dois dias antes do final do ano letivo de 2018 para visitar quatro das seis escolas que estavam previstas como possíveis colaboradoras do meu projeto. A primeira escola que visitei, situava-se na Vila Fazendinha, no Aglomerado da Serra. A segunda escola que visitei nesse dia estava no Bairro Novo São Lucas, consegui me encontrar diretamente com a professora de educação física, que me recebeu e ouviu atentamente a apresentação do meu projeto. Conversamos um pouco sobre o tema e a mesma se colocou à disposição para ajudar no que fosse necessário.

No dia seguinte, visitei outra escola, situada no Aglomerado da Serra, onde também consegui me encontrar diretamente com a professora de Educação Física que foi super atenciosa, se colocando à disposição para me ajudar. Porém me trouxe uma questão, que deveria ser pensada naquele momento: ela estava grávida e prestes a ganhar o bebê e logo mais entraria de licença maternidade, o que poderia inviabilizar alguns processos durante a pesquisa. Disse a ela que isso não seria problema, então ela também se tornou uma possível professora para a pesquisa.

No mesmo dia, na parte da tarde, visitei outra escola no Bairro Taquaril na qual encontraria a professora no contraturno. A coordenadora da escola pegou o meu contato também com a promessa que iria me retornar o contato caso a professora achasse viável a sua participação na pesquisa, porém não obtive retorno.

Até aquele momento, das quatro escolas visitadas, consegui contato com três professores. Entretanto, consegui fazer contato com as outras professoras por um outro caminho. A primeira delas consegui o contato via um amigo que trabalhou junto com essa professora, em uma escola no Morro do Papagaio, a qual tinha relatado sobre o meu trabalho, logo ele comentou com ela e a mesma se dispôs a participar do processo. Obtive o contato da segunda professora a partir de colegas da faculdade que a conheciam e informaram que ela estava trabalhando em uma escola no Alto Vera Cruz. Ao apresentar a ela o meu trabalho ela prontamente concordou em participar e ainda me indicou uma terceira professora atuava em uma escola que não estava na minha lista inicial, situada no bairro Granja de Freitas. Fiz contato com a docente que também se dispôs a participar. Nesse sentido após essa “saga”

pelos professores consegui o contato de cinco professoras e um professor, dos quais escolhi quatro para darem continuidade a pesquisa, que serão apresentados mais adiante.

3.1 Colhendo Narrativas

Para colher o depoimento das experiências dos professores, optei por utilizar a estratégia das entrevistas narrativas. Para Inês Teixeira e Karla Pádua a entrevista narrativa relaciona-se

especificamente, para a abordagem de mundos individuais de experiência ou experiências subjetivas, como alternativa às outras modalidades de entrevista, tal como as semi-estruturadas. Visto que nem sempre estão claras e evidentes as particularidades, diferenças e condições de realização de uma ou outra modalidade de entrevista, e considerando o conhecimento incipiente sobre a entrevista narrativa (TEIXEIRA; PÁDUA, 2006, p.5)

A escolha dessa metodologia de obtenção de dados se dá inicialmente e principalmente por entender que, esse trabalho traz muito dos saberes experienciados das professoras e professores nessas escolas. Nessa perspectiva, a experiência somente pode ser contada e relatada a partir de uma narrativa (TEIXEIRA; PÁDUA, 2006), por envolver questões que outros métodos, como questionários e outras formas de entrevistas não permitem abranger. O ato de se narrar um fato ou história a partir da entrevista ainda segundo as autoras é:

Um movimento dos sujeitos em torno de suas vidas, na direção de suas histórias, lembranças, reminiscências, sempre contextualizadas e socialmente construídas, no movimento da vida transcorrida e transcorrendo, deslocando-se no transcurso do tempo. Há um movimento de fala e de escuta próprios dos diálogos, há um movimento de um/a para o/a outro/a dos/as interlocutores/as numa relação de reciprocidade e de troca. De cumplicidade. (TEIXEIRA; PÁDUA, 2006, p.6)

Cada entrevista ocorreu em uma data e local agendado previamente com cada um dos sujeitos. Busquei encontrar um tempo e espaço tranquilo para que a narrativa não sofresse interrupções externas. Assim, cada docente teve a possibilidade de escolha do local e data na qual gostaria de ser entrevistado. Vale ressaltar que todas as entrevistas ocorreram nos contraturnos de aulas dos professores ou em momentos livres.

Duas dessas entrevistas ocorreram em escolas nas quais os professores trabalham no horário escolhido por eles. Nesse movimento pude entender e refletir sobre a dinamicidade da vida daqueles sujeitos e do cotidiano escolar.

As outras duas entrevistas foram realizadas em outros espaços que, de alguma forma, se relacionam com educação: uma escola de acupuntura e a última entrevista foi realizada em uma Faculdade, pois a professora transita entre o universo escolar e o universo acadêmico.

Para a entrevista, foi elaborado um roteiro com questões gerativas – anexado ao final desse trabalho – que visava auxiliar o entrevistado na construção de sua narrativa (Teixeira; Pádua, 2006). Para as autoras

A questão gerativa serve para estimular a produção da narrativa e para concentrar a narrativa em um aspecto relevante e ao período da biografia que interessa à pesquisa. Tem o objetivo de estruturar a narrativa que a segue através de um modelo para a reconstrução da lógica interna dos processos, porém dando liberdade ao/à entrevistado/a de desdobrar sua visão sem a obstrução do/a entrevistador/a. (TEIXEIRA; PÁDUA 2006, p. 7)

Nessa lógica, a entrevista pode se desdobrar em mais questões que não estavam colocadas no roteiro inicial à medida que o entrevistado vai narrando.

As entrevistas duraram, em média, entre cinquenta minutos e uma hora e meia. Em seguida, todas foram transcritas de forma integral, sem cortes. Na sequência, foram realizadas a saber: textualizações e a limpeza dos vícios de linguagem das narrativas dos professores. Após transcritas e textualizadas, cada professor recebeu uma devolutiva via e-mail, contendo o áudio e a transcrição escrita da sua entrevista para que o mesmo avaliasse o que foi feito para caso de alguma mudança de escrita ou desejo de omissão de parte do texto para as análises.

Para poder participar desta pesquisa, cada professor no ato da entrevista, assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), contendo informações como a identificação dos pesquisadores envolvidos, os objetivos do trabalho, os benefícios ou danos possíveis da participação do trabalho, explicitando que o mesmo poderia se retirar da pesquisa se assim o quisesse em qualquer etapa do processo. No termo, havia ainda a solicitação permitindo a gravação da entrevista, e a permissão para lhes apresentar na sua identidade literal⁸. Cada termo foi redigido em duas cópias a serem assinadas e uma ficou na posse do entrevistado e outra em minha posse como entrevistadora e pesquisadora.

Para refletir sobre os aspectos que emergiram das análises das entrevistas narrativas, me utilizei do método proposto por Carlo Ginzburg (1987), que parte do pressuposto do paradigma indiciário, que se caracteriza como um modelo epistemológico para as ciências humanas e sociais, que parte da concepção de que é necessário ter um olhar para todos os indícios que aparecem, até aqueles que poderiam passar despercebidos.

⁸ Optei por trazer a identificação original dos sujeitos como forma de dar lugar de fala, assim como visibilizar o trabalho desses sujeitos que na maioria das vezes passam despercebido. Trago isso como uma forma de trazer “empoderamento” e a representatividade que esses sujeitos expressam pelos seus trabalhos em escolas de Favelas.

3.2 Quem somos? Onde estamos?

Nesse momento apresentarei cada um dos docentes participantes assim como as escolas em que atuam. Busquei evidenciar a voz o lugar de fala de cada um dos docentes. Dessa forma, trarei trechos das entrevistas em que eles falam de si mesmos de si e dos espaços que atuam. Cabe ressaltar que foram escolhidas três professoras e um professor para narrarem sobre a sua atuação em escolas de Favelas.

3.2.1 Paula

Meu nome é Paula Moura de Oliveira, eu tenho 36 anos. E a minha formação foi na Federal. Eu estudei aqui no Colégio Santo Antonio, desde primeira, do pré daquela época, primeiro ano agora, fui alfabetizada aqui na escola, depois daqui eu fui direto para a Federal, e depois da Federal eu fiz mais duas, três pós graduações em pedagogia que foi pedagogia hospitalar, fiz educação infantil e alfabetização que foi no CEPENMG que é do estado. E depois disso eu resolvi fazer o curso de Pedagogia, então eu tenho formação também em pedagogia. Mas dentro do que te interessa mais eu formei na Federal em 2005, eu estudei lá de 2002 à 2005. (Trecho retirado da entrevista da Professora Paula)

Paula atua em uma escola situada no Morro do Papagaio, na região Centro-Sul de Belo Horizonte. Essa região é atravessada por um cotidiano que está entre o asfalto e a Favela, pois se encontra na divisão exata entre um bairro nobre da região e o Morro. Essa é uma peculiaridade da escola, pois a sua realidade é atravessada por uma conjuntura social que evidencia a exclusão social das cidades, visto que essa é uma Favela que se localiza no meio da área tida como mais nobre de Belo Horizonte, o que alarga um olhar da especulação imobiliária⁹ nesse espaço. Portanto, a escola se apresenta em um espaço de disputas. Apresento a escola e os sujeitos escolares a partir do olhar da Paula:

Tá, é no Morro do Papagaio fica no alto da Nossa Senhora do Carmo, é uma comunidade que não é tão carente assim, é uma comunidade que eles têm, eu vejo que eles têm muitas oportunidades. Eles têm muitas escolas ali em volta, eles não tem uma escola dentro da comunidade a minha é a mais próxima, mas eles não tinham muito amor a escola, eles sempre preferiam conseguir vagas em outras escolas, e eu acho que tem mudado, isso eles têm visto que a escola é deles, a gente tem tentado fazer isso e eles têm enxergado isso. Abrir ao máximo pra comunidade, abrir pros pais participarem das atividades, fazer muita coisa de lúdico mesmo, assim para que eles se apropriem da escola de outra forma. E eu acho que a escola ainda tem o que desejar na questão estrutural, é uma escola pequena ela tem 12 salas, sendo que umas delas é ocupada pela biblioteca, outra pela direção, então na verdade são 10 sala funcionando. é a gente não tem um pátio coberto, então a gente tem um pedacinho de pátio perto da cantina e um pátio descoberto na parte de cima. A gente tem uma quadra descoberta muito pequena vou te falar que ela é um terço de uma quadra de futsal, ela é muito pequena. É materialidade o que eu peço eu tenho, mas às vezes falta um pouco de comunicação da qualidade do material, eu peço dez bambolês eu

⁹Mais informações em Canetti, 2016.

tenho os dez bambolês, mas não são bambolês bons, são bambolês daquele frágil, então estraga rápido, mas eu nunca fui negada em relação a material., às vezes demorou um pouquinho mais pra chegar mas eu sempre tive a as coisa que eu pedi. Então é uma escola muito boa, a direção está lá desde quando eu entrei, então elas entraram no mesmo ano que eu na escola e depois elas já foram reeleitas é uma direção assim, é como se elas se doassem muito para a comunidade, elas querem fazer dar certo. Elas não são de lá, o BM delas não é lotado lá elas vieram do barreiro, então andam muito para chegar lá, mas tem muito amor pelo que elas fazem, é acho que isso tem feito muita diferença para a escola. Nosso grupo de professores é que está um pouco complicado, tem umas rixas que a gente precisa resolver, mas é uma escola que tem caminhado, que tem melhorado muito, inclusive, assim as diretoras fazem muita questão de pintar a escola, de criar espaços aconchegantes, então assim, reformaram a biblioteca, para transformar a biblioteca em um lugar mais chamativo, pintaram o chão do pátio com os jogos que eu pedi, então fizeram amarelinha, fizeram amarelinha africana, tudo sabe assim com muito carinho. Eles tem muito esse cuidado, mas infelizmente a quadra é descoberta e a gente tem o problema que a quadra empossa, então qualquer chuvinha que dá no dia seguinte eu tenho que passar o rodo na quadra ela fica com quatro grandes poças nos cantos da quadra, que tem o ralo mas não , o caimento da quadra não dá pra cair no ralo, então isso fica um pouco complicado. Mas é uma escola boa. (Trecho retirado da entrevista da Professora Paula)

3.2.2 Luisa

meu nome é Luisa Cecilia Belloti Oscar, tenho 26 anos me formei na UFMG em 2011, não em 2011 eu entrei, me formei em 2016, assim academicamente falando eu me formei lá, mas acho que a minha formação passa muito pela capoeira também, é como um dos fundamentos mais significativos pra mim, que ressignificou toda a minha formação acadêmica inclusive. Acho que dentro da UFMG minha formação é em educação física, mas com um diálogo muito próximo com a FaE e a FAFICH, tanto com a escola, com a antropologia quanto com a educação, assim, a história da educação e a história em geral, lá na FaE. (Trecho retirado da entrevista da Professora Luisa)

Luisa atua em uma escola situada no Alto Vera Cruz, na região Leste da cidade. Diferente da realidade vivida pela professora Paula, esta escola se encontra exatamente no meio do Alto. Isso significa que para essa escola emergem outras questões cotidianas. Assim, Luisa traça o seu olhar para a escola:

É minha escola tá no Alto Vera Cruz, tem uma estrutura muito legal em alguma medida, porque tem espaços amplos e grandes tem problemas, problemas estruturais também, tem salas que tem goteiras, estão com umas goteiras fortes, então esses dias que estão chovendo algumas salas inundam, encharcam, mas é isso, tem muitas salas, e dos espaços que a educação física costuma usar tem duas cobertas ainda que se chove molha um pouco, porque elas são cobertas mas não estão hermeticamente fechadas. É nessas quadras tem os espaços laterais, tem arquibancada, tem uma área que tem umas árvores assim, mesmo que não se costuma usar muito, tenho começado a usar com os meninos, mas causa algumas questões com os professores que estão do lado, tem dois pátios grandes, bem grandes, que não se costuma usar

para a educação física, porque as salas estão em volta, então o barulho pode incomodar, mas também é uma coisa pra ir construindo, é um desses pátios é usado também como estacionamento. A escola é feita em dois andares, mas a maior parte das salas está no primeiro andar ali, às salas do primeiro ciclo e do último ano do segundo ciclo que são as que eu trabalho e do terceiro ciclo estão todas na parte de baixo ali no primeiro andar. É uma escola que tem a escola integrada forte também, tá com uma direção muito legal que está aberta a tudo, a qualquer proposta, se você tem uma proposta, nesse momento o que eu tenho visto que a direção aposta com você e ela vai, e isso é muito legal, isso é muito importante inclusive, porque é a possibilidade do professores se manter com utopias vivas nesse sentido de poder fazer um trabalho real. Lá atende a maior parte dos meninos, só têm atendidos os meninos do Alto Vera Cruz mesmo, que vem, os meninos do Taquaril já não vem pra essa escola, porque os Taquaril tem suas escolas próprias, e os meninos do Vera Cruz da parte de baixo também já não chegam lá, são de fato os meninos do alto ai tem, algumas questões que ficam muito fortes nessa escola, que é ela tá no meio de algumas “bocas”, é isso gera uma questão que é quando essas “bocas” entram em conflito, a escola se vira também um espaço de conflito, ainda que um espaço mais protegido, porque eu tenho entendido que o conflito ali dentro tem outras regras, outras leis e outras possibilidades e inclusive um lugar de proteção para os meninos, mas os meninos se conhecem, inclusive esses alunos sabem quando um é de uma “boca” e o outro e de outra, então quando tem um conflito geral na comunidade, esse conflito também aparece na escola.[...]. (Trecho retirado da entrevista da Professora Luisa)

3.2.3 Samuel

Meu nome é Samuel Santos, a minha idade eu vou fazer 34 anos, daqui um mês, e a minha formação acadêmica eu formei na UEMG de Ibirité em 2010, depois disso eu fiz um curso de especialização na PUC em 2011 que chama docência e gestão do ensino superior a nível lato-sensu, e em 2013 eu fiz o mestrado na UFMG na área do lazer, quando foi em 2016 eu fiz uma outra especialização em preparação física esportiva na UFMG também, na ciências do esporte, e em 2017 eu fiz filosofia contemporânea na PUC, é isso minha formação então gira em torno desses cinco cursos. (Trecho retirado da entrevista do Professor Samuel)

O professor Samuel atua em uma escola situada no centro da Vila Fazendinha, na região Centro-sul da cidade.

Olha a escola é muito interessante, em termos de espaço físico ela é mais vertical que horizontal ela possui alguns jardins, ela possui um pomar, ela possui uma quadra essa quadra é descoberta, ela tem um, dois, três, pátios, tem uma área lá de vamos supor assim 50 metros quadrados que é coberta, tem um pátio coberto, tem sala de vídeo, tem bastante material de educação física, agora que esse material está organizado quando eu cheguei lá estava tudo disperso, não tinha uma sala de educação física agora eu criei uma sala de educação física de material. Em termos de estrutura claro se eu for comparar com outras escolas da rede, lá é precária, mas pra mim atende muito pelo público que eu estou trabalhando, que é 6, 7 e 8 anos lá atende muito. Materialidade atente embora eu já pedi outro material lá que eu queria trabalhar com os esportes radicais eu pedi skate, pedi patins, pedi slackline que eu ando de slackline, e pedi que mais, que mais que eu pedi skate, patins, slackline e basicamente foi isso que eu pedi e não estou lembrando aqui agora pra trabalhar com os esportes radicais, ai falaram que ia comprar e não compraram até hoje, então

assim bola tem muito, não tem bola de handebol, tem bola de vôlei, basquete, de iniciação esportiva, tem bambolê, corda, tem jogos de tabuleiro, é que mais, tem um auditório lá também bacana. [...] O público predominantemente negro, poucos meninos brancos [...] é o público é bem diversificado, os meninos adoram funk, nossa eles adoram funk, se você colocar funk lá eles te ensinam a dançar, eu coloquei funk lá esses dias e eles fazendo cada passinho interessante no recreio eu falei: “Caramba, eu tenho que aprender o funk desses meninos”, e eles ia até o chão faziam movimento com a perna tipo frevo coisa que eu aprendi com eles, e se eu der uma aula livre falar com eles: “gente, hoje tem aula livre.” eles dão aula, assim eles ensinam a gente a brincar, eles ensinam a gente a brincar. Então é essa a realidade deles assim, poderia descrever os alunos, são alunos que tem muita carência de necessidades básica de higiene. [...]. (Trecho retirado da entrevista do Professor Samuel)

3.2.4 Ana Luiza

eu sou a Anna Luiza, tenho 31 anos sou formada em educação física, aqui na Universidade Federal de Minas Gerais, eu me formei em licenciatura em 2012, depois de 2012 eu dei continuidade no bacharelado por algumas questões mesmo de, não só de currículo mas mesmo de pensar e questionar alguns pontos da educação física que essa divisão sempre me provocou a pensar. Eu fiz uma parte do bacharelado, não conclui. Aí depois eu entrei no mestrado, mestrado na linha de história da educação física que é o que eu pesquiso desde o início da graduação, e é isso. Hoje eu estou no doutorado na mesma linha de história da educação. (Trecho retirado da entrevista da Professora Ana Luiza)

A escola em que Ana Luiza atua está situada no bairro Granja de Freitas, na região Leste de Belo Horizonte. Assim como as escolas anteriores, está localizada na centralidade do Granja. Entretanto é a única escola que está mais afastada da região central da cidade. A professora constrói o seu olhar para a escola a partir dessa realidade e a apresenta

A escola é linda! Linda ela é uma escola nova o prédio onde a gente está hoje é de 2014, então tem quatro anos, vai fazer cinco anos no final deste ano. É uma escola linda, nós temos uma quadra, lá na escola na verdade eu sou muito livre pra trabalhar em diversos espaços e aí eu sou muito lá eles me dão essa liberdade em, então eu trabalho. A gente tem uma quadra coberta boa com arquibancada, bem legal o espaço, mas eu tenho, temos também um pátio, temos um laboratório de informática, temos auditório, e é isso que eu venho construindo com eles assim, a nossa aula é de educação física, não necessariamente as nossas aulas serão todas em quadra, temos um barranco lá maravilhoso, que a gente faz algumas práticas. Então assim eu tento mostrar pra eles que a aula de educação física ela trabalha o movimento corporal então a partir do meu planejamento de como eles se envolvem a gente utiliza a escola, a escola é a nossa sala de aula, e depende só do planejamento da aula. Em relação a comunidade é são alunos, a comunidade em si né a escola está inserida em uma comunidade que tem alto índice de criminalidade, de violência, tráfico, questões que beiram a questão da desumanização assim, eu tenho alunos que vão à escola pra se alimentar ponto. Eu tenho muitos, muitos, muitos alunos com deficiências inúmeras físicas, mentais que com a grande maioria tem monitores que os acompanham justamente por isso assim, então é uma comunidade extremamente carente não só como financeiramente, como afetivamente, estruturalmente. Muitos dos meus alunos eles não conhecem Belo Horizonte, pra eles o Granja é a cidade deles, eles não descem, porque a gente passa pela Andradas né muitos deles não saem dali, a não ser pra ir em algum médico ou coisa assim, eles não vivenciam

outros espaços. Então assim, é uma comunidade extremamente carente com vivências familiares extremamente chocantes assim, que a gente se emociona. É isso, acho que o maior desafio pra mim, a princípio eu achava que era só com as meninas, trabalhar o corpo com elas, mas não é só as meninas. Tenho várias alunas, eu trabalho do sexto ao nono, que estão grávidas, algumas por consentimento outras não, então isso pra mim, acho que meu maior desafio é lidar com a realidade deles, que aí eu digo é a realidade deles, não é a minha no caso, não vivenciei nada nem próximo, embora a gente saiba que existe né, mas é essa esse pessoal que tá lá que frequenta a escola, muitos deles pra sair desse ambiente familiar, muitos são de abrigo, moram em abrigos, muitos não tem família, pai e mãe. Enfim, essa é a comunidade. (Trecho retirado da entrevista da Professora Ana Luiza)

4 A EDUCAÇÃO NA FAVELA

Para o exercício interpretativo das narrativas dessas professoras e do professor que realizam a sua prática docente em escolas de contextos favelados, alguns eixos afloraram apontando indícios que possibilitam a reflexão sobre os aspectos que emergem dos objetivos descritos neste trabalho.

Nesse sentido, elenquei quatro subitens que discorrem sobre questões que emergiram de forma contundente nas narrativas desses sujeitos. Desse modo, trago para a discussão as formas nas quais as práticas e fazeres específicos da Educação Física aparecem nessas escolas. Além disso, também reflito sobre como as relações entre os sujeitos estudantes e as professoras e o professor são construídas. Discorro ainda, sobre a importância de uma apropriação da comunidade escolar sobre os espaços físicos e simbólicos da escola. Ademais, me proponho a refletir sobre quais formas representativas a escola expressa naquele território.

4.1 Educação (Física): Fazeres e saberes na Favela

Como destacado ao longo deste trabalho, pensar a educação na Favela é pensar uma educação que se produz em um espaço margeado por disputas. Não é possível se pensar a educação nesse espaço sem entender os enfrentamentos diários que a escola, assim como os sujeitos vivenciam por estarem presentes em um território favelado. Nessa perspectiva, o trato pedagógico, o fazer educacional da Educação Física neste espaço, permeia o refletir sobre os sujeitos e as práticas que eles trazem da sua “quebrada”, para buscar formas de dialogar o movimentar-se com uma cultura de movimento que o corpo Favelado expõe. Nesse sentido, a professora Paula traz em um trecho da sua entrevista como a cultura do futebol e da queimada

aparecem em sua aula, dando luz a uma expressão que vem do Morro do Papagaio, fato de essa ser uma prática que tem uma ligação direta com o cotidiano dos meninos:

É eles gostam muito de jogar futebol, porque eu acho que é uma coisa que no morro tem, a queimada as meninas falam: “ah e porque a minha mãe joga queimada”. porque parece que tem uma equipe de queimada feminina, então é uma coisa que eu acho que aparece. O futebol acho que tem muito de uma questão de rua e da questão da Barragem né, porque eles falam: “a não porque o final de semana eu fui jogar futebol na barragem”, parece que tem um professor de futebol lá, e agora até o time feminino ganhou patrocínio. Então assim eles trazem essas coisas para a Educação Física. Mas eu acho que eles levam muito mais do que trazem assim, no sentido de riqueza cultural, assim eu ensino pra eles lá é o jogo de sei lá.. “Bente altas”, aí eles fala: “ ah esse final de semana eu joguei “Bente altas” lá na barragem”. Então assim, eles levam mas eles trazem, acontece a via de mão dupla e eu acho que é nisso que a Educação Física tem que fazer diferença, ela tem que abrir possibilidade pra essa criança usar o lúdico dela, pra ela poder brincar. (Trechos entrevista da Professora Paula)

Paula também aborda uma relação que se constrói na conexão que os alunos realizam com os trabalhos feitos em aula; como os estudantes também levam o que aprendem para suas práticas diárias. Ressalto como é rico pensar nessa relação de troca entre escola e comunidade e como isso expressa a potência que a escola tem ao desenvolver um trabalho junto a esses sujeitos no sentido de vislumbrar outra realidade; de trazer novas práticas que eles não teriam acesso se não fosse a escola enquanto esse espaço que dissemina culturas e não apenas como mero reprodutor de atividade. Na qual a Educação Física muitas vezes já se inseriu nesse lócus que se resume a ser um amontoado de atividades que não levam a reflexão e possibilidades de despontar outras formas para esses sujeitos se colocarem no mundo.

É imprescindível entender que essas meninas e meninos chegam à escola com o corpo marcado de suas vivências e que, portanto, não se pode negar a enxergá-las, ou tratá-las como se elas fossem desconexas da sua vida escolar. Pereira (2003) me auxilia a refletir em como a escola muitas vezes é uma instituição que taxa as culturas juvenis como se fossem abstratas a realidade escolar, colocando esse alunos como “alienígenas”. Já Bourdieu (2003) afirma que o capital cultural que os alunos trazem muitas vezes não é aquele que se deseja, incorporando a esse aluno de antemão a ideia de fracasso escolar. Ideia essa que não fica restrita a figura do aluno, mas também a figura da escola. Isso é um indício que nos ajuda a entender o lugar e não-lugar da escola de Favela, que penso não poder se resumir a um espaço monocultural, mas se colocar nesse espaço multicultural assumindo também o seu espaço de fala e função social.

Refletindo sobre essas culturas juvenis, diálogo com a entrevista da Professora Luísa, que relata como é rico o que seus alunos apresentam para a escola e como isso lhe provoca um desejo de buscar cada vez mais enxergar a beleza nesses corpos e nas maneiras de se movimentar no mundo.

É na Educação Física por exemplo, vou dar um exemplo que incomoda vários setores da escola, que os meninos correm, os meninos têm 10, 12 anos os que eu trabalho os outros que estão lá a tarde eles são um pouco mais novos, mas eles tem uma energia imensa, eles correm, eles pulam eles viram pirueta. Quando eu me deparei com a diversidade e a capa..., assim aquele corpo daqueles meninos eu pensei assim: “gente, esses meninos são incríveis” porque assim eles fazem umas coisas, assim muitas coisas que eu falo:” meu Deus!” , assim com seis anos. No primeiro dia, eu lembro que eu fui dar aula numa turminha e nessa época eu tava dando aula, como tava faltando professores, nas turmas de 1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental e eu entrei numa turminha de 2º ano e fui falar da capoeira, ai eu me lembro de um menino que plantou bananeira, assim no começo da sala e deu volta na sala inteira assim com a bananeira plantada eu olhei pra aquele menino e pensei: “gente o que é que tá acontecendo, onde é que eu estou?” e depois fui observando assim uma destreza corporal que eles têm, que pra mim não é só corporal, porque o nosso corpo é reflexo de uma estrutura de pensamento e de uma necessidade também, fico olhando isso me encanta todo dia quando eu chego lá e encontro essa pluralidade corporal que esses meninos tem e com uma naturalidade incrível, assim eles fazem coisas que eu falo gente nossa que potência, muito mesmo. E assim, é que eles acham super normal não veem nada demais naquilo, e eu olho assim e falo: “nossa”. Essa é uma delas, mas tem várias coisas que aparecem, lá no Alto tem uma riqueza enorme em relação ao grafite, tem algumas figuras que são influentes na comunidade e que por isso os meninos vão copiando, vão fazendo que é muito legal, então, tem uma cultura não só do grafite mas do hip-hop muito difundida que é muito massa, é tem uma relação com a musicalidade, acho que isso é uma característica de todas as periferias que vem muito pelo funk, mas que vem por qualquer coisa que te faça mexer o corpo, assim qualquer coisa que te entra e que te mova as células, e os meninos tem uma destreza, ai volta pra destreza assim, e pra uma capacidade de ouvir e transformar aquilo em movimento que é muito legal, é muito visceral inclusive muito forte assim, então tem uma relação com a música lá que é muito forte, muito potente. Acho que essas são as que me encantam mais eu sempre fico abismada. (Trechos da entrevista da Professora Luísa)

É tão potente pensar essa forma de se olhar para essas meninas e meninos e enxergar neles, o que a professora denomina de destreza corporal, entendendo como um reflexo do que eles conhecem do mundo. Mundo esse que está atravessado pelo ser favelado, pela cultura que a Favela produz. Luísa ainda acrescenta como é importante ouvir esses sujeitos para se pensar a prática da Educação Física, como se torna sintomático o ato de evidenciar o lugar de fala aos estudantes convidando-os a participar e se mostrarem como sujeitos. A narrativa de Luísa é importante para se pensar que a Educação Física, assim como qualquer outra disciplina, precisa se dispor a ação de ouvir o que os estudantes falam e entender que, às vezes, apenas o nosso conteúdo curricular não vai dar conta de suprir a necessidade que nos é apresentada. Assim, nós enquanto professores precisamos nos colocar à disposição da escuta desses

estudantes, à escuta desse corpo que fala, que vibra, que vive. Luísa destaca que o fazer da Educação Física em uma escola de Favela

é primeiro servir, a gente precisa saber o que eles querem da gente, e não o que eu quero passar, não o que eu quero dar, é saber se tornar pequeno, e saber o que eu posso fazer, é isso perguntar: “velho o que eu posso fazer por você, o que a gente pode fazer junto?” E aí a segunda coisa é isso tornar ou ajudar a formar com um grãozinho de areia que a gente é e um grãozinho de areia que a Educação Física é almas potentes pro mundo, iluminadas com o que elas são, não com o que a gente vai dar não, já tá sabe, já tá ali é só ajudar a encaixar, as vezes encaixar a luz assim no negocinho, e quando acende você fala: “Nossa!”, não sou eu que estou dando nada, não sou eu que estou levando nada, pensando na capoeira que é isso é um espaço pra mim de formação fundamental que a Educação Física significou pra minha a escola a partir do meu envolvimento com a capoeira, é, eu num estou levando eu num estou ensinando nada não, ela mora ali, ela nasceu ali, ela tá ali já, eles conhece, eles fazem capoeira o tempo inteiro. Eu olho pra esse meninos correndo no recreio pulando, pra mim eles estão jogando o tempo inteiro às vezes num sabem, num tem nome e nem sei qual a importância de ter nome, mas umas das coisas que entendi com o parkour e que saber o nome pode fazer você entender que é bonito e que tem alguém que valoriza pra caramba isso que você tá fazendo, então é isso cara dá essa sensação de beleza, acho que beleza é fundamental pra escola, pra construção da Educação Física. Então é isso dá a sensação e não é uma sensação falsa não, é dizer: “ou você tem noção de como é bonito isso que você tá fazendo, você tem noção do quanto que é incrível isso que você tá fazendo, você tem ideia do quanto que é importante pra mim é precioso ver isso que você tá fazendo e o quanto isso me deixa feliz.” só isso assim, só isso é um papel de formação mais que eu estou falando especificamente e lá de um morro de uma periferia, não conheço tantas outras pra dizer, conheço, que eu conheceria mais seria o Morro das pedras, mas é um caso, acho que cada uma pra além, acho que tudo aquilo que a gente decide a pesquisar depois tem condição meramente, da estrutura pedagógica das aulas ou do num sei assim, me esqueço, me esqueço do parâmetros curriculares, me esqueço de tudo e vou com eles, me encontro com eles e acho que nosso corpo em movimento afetado com tudo que ele é afetado, com toda memória que ele traz ele é um recurso impressionante de diálogo e comunicação, de tudo, então ter a Educação Física lá é uma possibilidade de uma construção de uma humanidade outra lá, não sei se vai para o mundo inteiro não, não tenho essa pretensão, é miudinho, mas pra ali com um que seja, um que é isso: “cara, mesmo hein, eu sou bonito assim, o que eu faço!”, tá bom, tá bom, é pouco assim, mas é isso todo dia. Não sei qual que é a função dela, nessa ideia quase que revolucionar a humanidade, e é isso utopicamente é isso mesmo ainda que de pouquinho em pouquinho, como um grãozinho de areia. (Trechos entrevista da professora Luísa)

Luiza completa afirmando o lugar de entender a Educação Física como uma disciplina capaz de ajudar na formação de sujeitos que pensem o mundo por meio de uma ação corporal consciente, um sujeito que se apropria e ressignifica sua ação no mundo, entendendo que o corpo favelado é um corpo marcado, mas que isso não deixa de ser belo, que isso não deixa de ser grande. Dessa forma, a Educação Física pode se constituir numa disciplina escolar que se dispõe a refletir sobre o corpo e sua atuação no mundo; em formas de deixar com que esse corpo fale a que veio.

E acho que a Educação Física é um meio potente de fazer isso tanto de acolher o que vem de fora por que isso vem escrito no corpo dos meninos, eles não tem como negar e nem devem, por favor, o que vem de fora vem escrito, vem marcado e a

gente só tem que abrir o olho assim e acolher, e ao mesmo tempo acreditar que com a Educação Física e gente pode ir inscrevendo nesses corpos outras coisas também, que talvez não estejam disponíveis mais estão que tão como potências, e acreditar que esses corpos, e quando eu digo corpo não tem a menor separação entre corpo e mente e alma nada é um corpo todo, acreditar que quando a gente leva alguma coisa nova esses corpos vão espelhar elas pela comunidade também, então nesse sentido num racionalizo nenhum processo de como estabelecer essa relação elas acontecem, porque elas tão no corpo da gente, pela afetação e pela incorporação fazem do que a gente faz nas aulas isso seja difundido pela comunidade, faz com que ao mesmo tempo a incorporação que os meninos tem daquilo que acontece na comunidade, isso adentra as aulas de Educação Física e a escola como um todo, como adentra a gente, por exemplo os corpos deles transformam o meu o tempo inteiro, transformam o que eu penso transformam tudo o tempo inteiro. (Trechos entrevista da professora Luísa)

Portanto, a atuação dos professores de Educação Física em escolas de Favelas passa por esse entendimento de refletir sobre que corpos chegam com os estudantes. Pressupõe entender que as vivências e experiências dos estudantes são diferenciadas de outros espaços, mas, mesmo assim, essa prática os torna sujeitos capazes de se movimentar pelo mundo na sua particularidade e singularidade.

Ao entender a escola de Favela como uma instituição que se difere das demais, trago a reflexão que esses alunos chegaram a essa instituição com uma gama de saberes e práticas que darão margem para que se desenvolvam trabalhos que levem em consideração o necessário diálogo entre os seus saberes e o saberes do componente curricular Educação Física. Esse parece ser o desafio colocado à Educação Física, como destaca Bracht (2005)

esforço educativo e se afirmar enquanto componente curricular (pelo menos na forma dominante atual de disciplina), ela precisa identificar a parcela da cultura, portanto o saber ou os saberes que será sua tarefa tratar. A corporeidade (o corporal) e a movimentalidade (o movimento), embora elementos antropológicos fundamentais, por si só não justificam a Educação Física enquanto disciplina. Indicam para a educação temas fundamentais, que necessariamente precisam ser considerados pela teoria pedagógica. Quando trabalhamos com o conceito de cultura corporal de movimento (minha preferência), a movimentalidade e a corporeidade estão ali presentes de uma determinada forma, diferente da Matemática, do Português³, da Educação Artística. As manifestações da cultura corporal de movimento significam (no sentido de conferir significado) historicamente a corporeidade e a movimentalidade – são expressões concretas, históricas, modos de viver, de experienciar, de entender o corpo e o movimento e as nossas relações com o contexto – nós construímos, conformamos, confirmamos e reformamos sentidos e significados nas práticas corporais. (BRACHT, 2005, p. 3)

Dessa forma, a Educação Física pode se configurar como um tempo e espaço em que os estudantes também se expressam no mundo em que vivem.

A escola enquanto instituição republicana e democrática que se abre as diversas culturas e manifestações precisa estar atenta a como se materializa a acolhida dos mais diversos sujeitos. É preciso estar atento para não se reproduzir estereótipos sobre os alunos e as suas condições de vida. É necessário entendê-los como protagonistas do processo educativo, percebendo e

considerando um movimento de mão dupla: o fato dos estudantes estarem na Favela e a Favela estar em cada um deles. Conseqüentemente essa condição chegará às aulas, sobretudo nas aulas de Educação Física. Essa dimensão se manifesta na narrativa do professor Samuel

you vê no corpo que eles já têm essa predisposição por serem meninos de periferia, eu acho que eles tem mais repertório motor do que muitos meninos que hoje vivem em apartamento, embora esses meninos que vivem em apartamento eles têm experiência esportiva na escola, a gente vê que os meninos da periferia eles conseguem fazer muitos malabarismos, piruetas, eles não tem frescuras de fazer os movimentos, tudo que você pede pra fazer eles fazem, deita no chão, arrasta no chão, suja eles sujam mesmo, se você pegar uma garrafa de água e falar que hoje é dia de dar banho neles com garrafa de água, eles, pra eles ali e a maior felicidade, tem vez que eu pego a mangueira quando tá muito calor e jogo água neles, aquilo ali vira uma brincadeira: “me molha professor, me molha.”. (Trecho entrevista Professor Samuel)

O professor Samuel destaca uma dimensão em que o se movimentar dos estudantes está ligado às práticas que eles têm no contexto em que vivem. Meninos e meninas sempre estão abertos a experimentarem outras práticas corporais. A narrativa do docente destaca a relação que os estudantes constroem com a Educação Física, mediada pela alegria da descoberta de novas práticas corporais. .

É por meio do diálogo com os alunos que a professora o professor consegue se abrir à escuta, aos ruídos e falas que os corpos dos estudantes trazem. É por meio do diálogo que se conhece a trajetória desses corpos, bem como se desenvolvem intervenções nas aulas que levem a essa história dos alunos. A professora Ana Luiza traz importante reflexão sobre isso ao dizer

eu acho que assim nas aulas de Educação Física sobretudo o corpo é algo que se expõe, assim involuntariamente, às vezes a gente nem percebe, mas o corpo fala e eu acho que nas aulas de Educação Física por conta do movimentar, neles muitas questões gritam assim. Então eu acho, com certeza, eu conheci algumas histórias particulares de alunos por observar eles se movimentando ou não movimentando sabe, então eu acho que nas aulas de Educação Física o espaço ali do corpo se movimentando de forma mais livre a gente percebe muita coisa sem precisar falar necessariamente, com certeza. [...] o nosso corpo fala, o nosso corpo expressa aquilo que a gente é, aquilo que a gente vive. Às vezes gente até sem dar conta disso, então eu acho que eles, é o momento que a gente tá ali em quadra e o momento que eles muitas vezes querem correr, gritar, extravasar, se você chegar vai afundo, pergunta, questiona vai vir algo, a partir daquele modo que ele se comporta, sim, como corporalmente. (Trechos da entrevista da Professora Ana Luiza)

Nessa perspectiva, o fazer da Educação Física nas escolas de Favela vai muito além de se trabalhar os conteúdos propostos pelo currículo. O desafio volta-se para o processo de dar voz e visibilizar as múltiplas formas e saberes corporais pelos quais os estudantes se expressam. Desafio de possibilitar a eles refletirem sobre seu corpo, ocupando um espaço de

disputa, desafio de trazer a tona a experiência de cada estudante isso que “os passa, o que acontece, o que toca.” Bondía (2002, p. 21)

4.2 Relação Professores-alunos

As relações estabelecidas entre estudantes favelados e professores nas escolas são as mais diversas. De um modo geral, os docentes podem ser considerados como “forasteiros” nesse espaço, pois na sua maioria não tem vivências desse espaço. Como já destacado anteriormente, a formação inicial de professores, de um modo geral, não oferece possibilidades de pensarmos e refletirmos sobre os espaços favelados. Dessa forma, os professores chegam de forma inexperiente politicamente e socialmente para a atuação nesses ambientes. A professora Ana Luiza traz uma ideia de como nosso processo de formação social e acadêmica, muitas vezes, é insuficiente para pensar como construir uma relação de proximidade com os estudantes.

A gente é uma pessoa de fora que vai pra lá todos os dias trabalhar a gente não vive a história deles, tanto que eu vejo assim com os monitores, que são professores em formação que a grande maioria se não é da comunidade é de comunidades próximas, a relação com eles é outra relação, sabe, eu acho que tem muito disso reconhecer o outro enquanto sujeito que tem uma história, que têm demandas, que têm necessidades que não vai reagir muitas das vezes da forma que você imagina é gente é gente como eu assim.[...] O sistema político que estamos vivendo, esse não reconhecimento do outro, isso existe, mas ali é uma classe, ali é um grupo de pessoas que estão a margem, sabe, então eu não acho que seja só uma inexperiência ou algo novo não vivido, tem todo um sistema que contribui para que esses sujeitos continuem sendo não reconhecidos socialmente, continuam é sendo vistos como alguém que não tem uma história, não tem algo a ser compartilhado que eles tão ali como repositórios. Eu acredito que é mais amplo, que não é só uma questão de não vivencia, claro existe, graduação raramente a gente discute isso, graduação a gente raramente vê alguém indo fazer estágio em uma comunidade, mas eu acho que isso é uma questão, não é por isso. (Trechos da entrevista da Professora Ana Luiza)

Nessa direção, os estudantes lutam diariamente para se tornarem sujeitos visíveis nas aulas dessas professoras e professores. Uma visibilidade que se relaciona com a construção de sentido para essa relação que necessariamente se pauta na afetividade. Em cada experiência narrada pelos docentes no convívio com as alunas e alunos estão pautadas, de forma diversificadas, a necessidade de atenção por parte dos estudantes. A demanda de um olhar afetivo pode ser desconsiderada, já que, usualmente, os estudantes não são vistos na sociedade. Essa invisibilidade se constrói a partir de um estereótipo de marginalização que é criado sob a sua imagem, pelas formas como são abandonados e apagados pelos seus pares, pela não presença familiar. Tudo isso se amalgama na necessidade de buscar afeto na figura

das professoras e professores. O professor Samuel retrata como essa relação se revela durante a sua atuação

Eu acho que é um público que carece muito de sentimento de afetividade eles têm uma necessidade de afeto muito grande, principalmente para que é da Educação Física isso é muito latente é muito visível professor chega, por exemplo eu chego na escola os meninos: “ah o Samuel chegou.” você vê a alegria deles com a área às vezes não é nem o professor, acho que às vezes é atividade da Educação Física que proporciona isso, e pra mim é muito rico trabalhar com esse público porque eu aprendo muito sabe, é um contexto de muito aprendizado. Eu já trabalhei em outra realidade, mas eu não era professor eu era monitor, mas eu acompanhava a professora, então assim o tempo todo na aula eu via a diferença que é você lidar com alunos de classe média e com alto poder aquisitivo e a diferença que é você trabalhar com o público vamos dizer assim de periferia. [...] num primeiro momento o aluno se abre muito pra gente assim, você chega ele te abraça, então, por exemplo, os meninos e meninas lá me chamam de pai, muitos alunos me chamam de pai então a referência de pai deles é transferida para o professor ou para o monitor da escola integrada. (Trechos da entrevista do Professor Samuel)

Em sua narrativa, se explicita a dimensão do sentimento de afetividade e como essa relação não surge de forma espontânea, mas sim como resposta a uma carência afetiva que se manifesta nas aulas. Para Paulo Freire (1997, p. 9) “a tarefa de ensinar é uma tarefa profissional que, no entanto, exige amorosidade, criatividade, competência científica, mas recusa a estreiteza cientificista, que exige a capacidade de brigar pela liberdade sem a qual a própria tarefa fenece.” Nesse sentido, por mais que, por vezes, a representação de pai e mãe seja atribuída a professoras e professores, é necessário que se entenda o contexto e, ao mesmo tempo, de alguma maneira, se opor a essas atribuições como forma de potencializar e refletir o ato de educar, assim como sobre o lugar do docente.

Refletindo sobre os sentidos e significados dessa representação do professor, esbarramos na ausência dessa presença dos pais durante a sua trajetória. E essa ausência diz de uma construção social que faz com que essas crianças e jovens moradores de Favela cresçam sem a figura do pai, muitas vezes por serem filhas e filhos de mães solo e ou terem pais que estão em situação de privação de liberdade. Esta é uma realidade que o professor Samuel nos apresenta

eu procurei a saber da direção, da coordenação muitos alunos têm pais presos eu fiquei sabendo agora a pouco tempo que mais de 70% das turmas tem pais que estão cumprindo medidas, estão presos mesmo.(Trechos da entrevista do Professor Samuel)

A relação professor-aluno nesses espaços se materializa numa zona de necessidade de zelo com as vivências e histórias dos alunos, pois eles não se desvinculam de quem são estando na escola. Isso os torna sujeitos intrigantes, os tornam sujeitos potentes e convida a entendermos

que essa relação precisa ser construída a partir do reconhecimento do outro. Só assim torna-se possível a conexão ao outro; que se construa empatia, que se construa novas formas de se olhar para os sujeitos alunos na sua totalidade.

Alguns desses estudantes vêm com tamanha necessidade de afeto que muitas vezes, como a professora Ana Luiza retrata em sua narrativa, os alunos fazem da escola o seu quintal, por ser ali um dos poucos momentos que eles têm de escape da vida real, que eles têm de suprir essa demanda afetiva sentimental

Aqui é o quintal da casa deles ou é a casa deles, porque muitos não têm o que eles têm na escola, porque a gente sabe que seria dessa lógica, da questão familiar eles têm é na escola eles não têm em outro lugar, a alimentação isso aí é na escola, afeto de chegar abraçar e dá um beijo [...] muitos deles não tem nem esse contato sabe essa questão do toque afetivo, eles num tem eles vivenciam isso lá na escola, sabe. [...] cada vez mais eu me convenço disso, algumas pessoas já até me questionaram: “você é muito afetiva - eu falo: Graças a Deus, sou!” sou mesmo, todos que quiserem vir me dar um abraço eu vou dar um abraço, da mesma forma que quando precisar de puxar a orelha eu puxo, não vou negar uma abraço, um beijo, um sorriso, eu não sou assim, porque que com eles eu seria diferente, eu acredito nas relações de afeto, ponto, independente. (Trechos da entrevista da Professora Ana Luiza)

Nesse sentido, é necessária a sensibilidade do olhar das professoras e professores para o acolhimento dos seus alunos a fim de conhecer suas origens. Essa postura os aproxima desses alunos de forma singular. O ato de compreender e notar como as relações afetivas dos estudantes reverberam na escola, buscando formas mínimas de suprir essas necessidades; seja com abraços ou simplesmente a escuta, diz de uma ternura para com os outros necessária às professoras e professores que trabalham nesses contextos. Essa perspectiva vai de encontro ao que Paulo Freire afirma sobre a natureza do ato de educar

Lido com gente e não com coisas. E porque lido com gente, não posso, por mais que me dê prazer entregar-me à reflexão teoria e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna. (FREIRE, 2017, p. 141)

Portanto, estar disposto a reconhecer os sujeitos e espaços favelados é importante para o trabalho de professores. Reconhecer a Favela como um espaço de potência que carrega suas particularidades. Nesse ponto, trago a narrativa da professora Luísa que me ajuda a refletir o quão importante se torna essa abertura para os estudantes.

da relação dos professores e alunos é a abertura ou não dos professores a receber aquela comunidade como ela é, assim e entra nessa escola é receber aquela comunidade como ela é ou não, então se os professores não conseguem se abrir para olhar e não é olhar julgando, olhar tentando mudar ou achando que aquilo é melhor ou aquilo é pior mas é chegar e entender olhar ver a dinâmica e como as coisa se conformam, se isso não acontece os professores ficam muito resistentes aquela comunidade e necessariamente ficam resistentes aos meninos, à escola, e

acho que eles tinha que ser outra coisa, e acho que às vezes a gente não reconhece que a escola, essa escola como ela está conformada ainda que eu vejo varias potencias ela não atende os meninos na necessidade deles exatamente. (Trechos da entrevista da Professora Luísa)

As necessidades desses sujeitos chegam de forma avassaladora na escola e impactam o convívio no interior das instituições escolares. Os estudantes esperam ser acolhidos pelos professores assim como eles os acolhem em seu território. Eles estão abertos ao outro e ao que as professoras e professores têm a ensinar, as novas práticas e experiências. A necessidade de afetividade e zelo se torna acolhida, pois eles acolhem para serem acolhidos. A narrativa da professora Paula traz um pouco sobre esse sentimento de acolhida, do afeto que ela recebe de seus alunos.

É uma questão de amor mesmo, eu gosto de tá com eles, eu me sinto acolhida por eles, talvez muitas vezes a gente pense o contrário, você vai pra escola pra acolher as crianças carente, não! Você vai ser acolhido pelas crianças que estão lá. (Trechos da entrevista da Professora Paula)

Assim, retomo para a reflexão a frase famosa de Paulo Freire: “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem.” (FREIRE, 1967, p. 97). Portanto, educar sujeitos que demandam o afeto das professoras e professores, é um ato de coragem que revoluciona, que reflete nas relações entre alunos e professores. Esta é uma experiência muito rica, visto que muitos desses estudantes chegam à escola com a necessidade de serem vistos, de serem percebidos com outros olhos. Quando a professora ou professor consegue se atentar a isso, eles subvertem a lógica da escola.

Nesse sentido, quanto o estudante é percebido com afeto abre-se um mundo de possibilidades: abre-se para eles a ideia de poder, de visibilidade, de ser sujeito bonito e amado. Em outro trecho da narrativa da Professora Paula, ela diz é possível perceber essa dimensão.

Eu tenho que mostrar pro menino que não só eu to ali naquela situação de professora pra ganhar dinheiro, eu to ali porque que eu gosto disso, porque eu quero. Aí ele começa a sentir que você os ama, eu os chamo de amores, falo com as meninas amoras e com os meninos amores, e eu brinco com eles assim: “professor num é professora, diretor, num é diretora, então amor é amora.” Então eu os chamo de amor e amora. Aí um menino virou pra mim é falou assim: “professora todo mundo aqui é seu namorado? não por quê? porque você chama a gente de amor! Falei não, mas amar não é só namorar não, amar é um sentimento bom que você tem pra pessoas quando você quer o bem delas.” Sabe assim, uma coisa desse tamanho o menino não sabe o que é ser amado, ele acha que amar e só, tipo assim, será que ele não sente o amor da mãe dele e do pai por ele? Ele num senti que um professor ama ele, que tá ali dedicando, porque eu to ali pra que? meu tempo tá sendo jogado fora? num tá eu to ali dedicando aquele tempo pra aquelas crianças, se eu não fizer

diferença na vida delas o que eu vou fazer? Pega o meu diploma joga fora e rasga.
(Trechos entrevista da Professora Paula)

No trecho acima, fica exposto a importância que o toque afetivo faz na prática docente. É possível perceber o quanto que a professora Paula revoluciona ao pensar uma educação que não se desvincula do gesto afetivo para com os seus alunos. Este é, portanto, mais um indício que trago para a reflexão sobre o ato de educar corpos favelados, corpos que lutam diariamente para ter voz para se fazer ouvir. Parece que talvez uma das formas de ouvi-los seja olhá-los com reconhecimento; que professoras e professores de Educação Física sejam sensíveis a escuta dessa voz silenciosa que retumba de corpos sedentos de atenção, de carinho e de zelo. Enfim, uma Educação Física que pense como diria Manoel de Barros em “renovar o homem usando borboletas”.

4.3 Apropriação dos espaços/tempos das escolas pela comunidade

Quando uma escola é acolhida por sua comunidade esse espaço se torna, potencialmente, fonte de maior aprendizado e convívio entre os sujeitos. Nesse sentido, apresento alguns relatos das professoras e professor que destacam a importância de se pensar em uma educação em Favelas que se articule a partir de um diálogo com a comunidade. Uma educação que considere que a escola está inserida na vida da comunidade, deixando-se apropriar pelos estudantes e sujeitos que fazem parte do cotidiano escolar de forma direta e ou indireta.

Esse movimento de apropriação dos espaços escolares parte de uma construção de reconhecimento da escola como um bem comum. Nesse sentido, quando os sujeitos da comunidade adentram à escola, seja nos tempos escolares ou não, se estabelece uma relação de acolhimento; de reconhecimento de algo que faz parte da vida, do cotidiano e do espaço físico daquela localidade. A professora Ana Luiza afirma essa apropriação

De reconhecimento, não é algo que está a parte, a escola é deles está ali e comum, é prazeroso não é algo diferente, não é algo que por exemplo eles se sentem constrangidos a ir pra escola, não, eles se sentem parte daquele espaço. (Trechos entrevista Professora Ana Luiza)

Nessa direção, a escola ao se abrir para a comunidade também abre-se para o bem cuidar que vem da comunidade para com o seu espaço físico e simbólico. Afirmando isso indo ao encontro dos relatos da professora Ana Luiza ao afirmar que na escola em que atua a depredação do espaço físico não é um problema que a ser enfrentado. Ela relaciona isso com o fato de se ter

projetos para trazer a comunidade que está em torno para participar, assim como uma gestão que tem um olhar sensível para a participação comunitária nos momentos escolares.

eles se apropriam da escola e eles vivenciam o espaço escolar a escola, tanto que deles passam o dia todo na escola, tanto que a escola pra muitos deles é o melhor lugar de vivência de estar, eles se apropriam dos espaços, todos os espaços daquela escola os alunos estão desde o estacionamento a portaria e a comunidade também porque lá funcionam vários projetos tem escola aberta, tem os projeto com que a SMED abre, se eu não me engano hoje são seis projetos tanto de capacitação, como tanto de viver a escola assim, então tem o projeto da escola aberta, tem o projeto de percussão, tem o projeto de cabeleireiro, tem projeto de culinária, tem projeto de zumba, tem projeto de capoeira, então assim eles vivenciam não só o tempo escolar. É e vire e mexe tem atividades também para os pais irem a escola, então eu acho que inclusive por isso a escola ela é muito cuidada, muito cuidada, lá não temos casos de depredação de arrombamento nada disso, a comunidade sabe que a escola é algo que eles também vivenciam, isso eu acho muito importante. Claro que cada um se apropria de um modo, mas a escola é aberta à comunidade e dialoga com a comunidade, isso é o mais importante. A nossa direção ela é muito sensível a isso de pensar projetos que aproximam a escola, o estar na escola com a realidade daquela comunidade. [...] eu percebo que ela é uma escola e aí nu é o espaço físico, mas os sujeitos que estão naquela escola coordenação, direção, grande maioria dos professores e funcionários, sobretudo porque os funcionários todos e todas são de lá o pessoal da limpeza, o pessoal dos serviços gerais todos são de lá do Granja, e eu acho que é disso e o lugar deles, é uma construção e um reconhecimento deles assim, e eu acho que só por isso que a escola funciona, mesmo assim, porque a diretora até me disse que no início era impossível se trabalhar lá, eles não reconheciam a escola como deles, da comunidade aí aconteceram várias coisas, assim, agressões físicas, destruição mesmo do patrimônio físico e que hoje não, por isso eles sabem que a escola é da comunidade, então eu acho que a coordenação e a direção sobretudo eles tem um olhar muito sensível, pra questão da história e aí é a história individual eu fiquei e até hoje fico impressionada em como eles conhecem aqueles alunos, e conhecem mesmo assim família, história, o que acontece com cada um, sabe eu acho que é isso, você tem que estar atento a essa questão, senão não funciona, senão não funciona, eles tem uma outra vivência, é um outro lugar e que é isso se a gente não construir juntos não se constrói, nem pra um lado, nem pra o outro sabe, então se eles não se reconhecerem parte daquilo e saber que o outro também o respeita não funciona, e que eu acho legítimo sinceramente. (Trechos da entrevista da Professora Ana Luiza)

Nesse trecho, se evidencia a importância da escola tornar-se um ponto de encontro legitimado pelos sujeitos escolares e sujeitos da comunidade. Um território onde esses sujeitos constroem uma forma outra de olhar e estar na escola. A escola deixa de ser uma edificação aleatória naquele espaço, sendo ressignificada a um lócus onde a população se sente acolhida.

Essa acolhida se relaciona a um processo de entender e respeitar a vida e trajetórias dessas comunidades. Ao ocupar esse “novo” lugar a escola passará a acolher as práticas e experiências que aquela comunidade traz. Dialogando com Paulo Freire que reflete que: “coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, que chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária -” (FREIRE, 2017, p.31). Nessa direção, a

Professora Luisa traz a reflexão da escola com esse espaço que não só acolhe mas, também “espalha” saberes

a escola é tanto esse lugar de receber, como esse lugar de espalhar, ela tem essa dupla função de acolher o que tá dentro o que tá dentro da comunidade acolher dentro dela e se ressignificar a partir desse acolhimento e também pegar o que não tá ali disponível e disponibilizar. (Trechos da entrevista da Professora Luisa)

Portanto, a prática na escola em que a docente atua se abre para os sujeitos a partir de diversos projetos institucionais para buscar essa aproximação. Em sua narrativa, há indícios de como pensar formas de trazer esses sujeitos para a escola, no sentido de apresentar possíveis mecanismos de efetivar os diálogos entre escola e comunidade

Tem a escola aberta, funciona sempre, todo final de semana. Tem esse futebol que acontece a noite e foi uma proposta de alguns alunos mais velhos, e que aí eles levam pessoas da comunidade também pra jogar, por que é aberto, qualquer um pode entrar e jogar. Nas festas, tem uma relação com a comunidade, inclusive no último ano foi estabelecida uma relação da comunidade oferecer os lanches, então eles montam as barraquinhas e vendem os alimentos, quem já faz por exemplo, é mas, isso é uma coisa que acontece no meio da semana também, às vezes quem já trabalha com isso pode entrar na escola e fazer as vendas e tals, mas nas festas isso é mais intenso e isso foi uma coisa bem legal, pra comunidade se apropriar de novo daquele espaço, deles contribuírem, participarem efetivamente da construção da festa, e também de ser uma fontezinha de renda ali. Pra fora disso, a gente tava com uma ideia de esse ano que tá vendo como se efetiva ainda, porque como o quadro tá incompleto de professores eu não consigo todos os projetos que eu precisava pra fazer isso, mas uma das propostas desse ano era, como eu me formei em acupuntura: era levar acupuntura pra comunidade de lá, e abrir a escola como um espaço em que isso pudesse acontecer em que pudesse atender pessoas da comunidade sem cobrar nada, é mas isso ainda estamos dialogando pra saber como é que vai acontecer, porque precisei lançar mão dos horários que eu tinha pra isso para estar em sala substituindo professora que tá faltando ou que professor. É essas são as mais fortes que eu vejo, tem uma que a direção atual tem cuidado muito disso, porque os meninos que estão na escola que participam muito, mas alguns pais, irmãos estão lá junto, que é plantar na escola de novo, plantar coisa na escola flores, florir a escola, florescer a escola, é colocar árvores na escola então tem um projeto grande desse plantio e é a comunidade quem cuida, os meninos cuidam a comunidade escolar cuida e a gente também cuida, tudo é comunidade assim, sem discriminação de onde é que vem, todo mundo que entende aquele espaço como um espaço seu cuida das plantas, molha as plantas, vê se ninguém pisou essas coisas. E as assembleias que são abertas as reuniões, as reuniões de pais que são comuns, mais comuns, assembleias pra prestação de contas, assembleias pra justificar gastos, assembleia pra decidir direção, todas essas coisas, pras assembleias existe um convite a comunidade também, são esse que eu me lembre. (Trechos da entrevista da Professora Luisa)

A partir desses projetos que são desenvolvidos na escola, a comunidade se abre a acolhida de forma mais fluida, deixando assim que as suas potencialidades e riquezas emerjam também naquele espaço. Ao assumir esse movimento de acolhida, se amálgama com a vida que floresce naquele território, tornando-se também um espaço vibrante e múltiplo de possibilidades.

A Professora Paula fala um pouco disso, como a escola se transforma ao receber a comunidade, e como isso tem sido potente para o seu trabalho e também para a presença do espaço escolar no Morro do Papagaio. Ela também destaca como foi o processo para que a comunidade acolhesse a escola.

Hoje em dia como eles se apropriam da escola eu vejo que chega de tudo, chega muitas coisas boas, eu vejo que a comunidade, o Morro do Papagaio é muito acolhedora, muito de ajudar um ao outro, são muito solidários, e acho que isso tem chegado na escola, sempre tem situações em que pais de um leva os coleguinhas da filha pra escola. Então eles se ajudam, e acho que isso tem chegado muito na escola e os meninos tem mostrado isso, na convivência com a gente. Eles se ajudam, eles se preocupam uns com os outros e acho que isso vem da comunidade. É como se a escola fizesse parte deles sabe, eles vem com as coisas boas. Eles se apropriaram mesmo da escola. [...] E isso é reflexo dessa abertura que a escola deu, e a escola abriu querendo que a família valorizasse o trabalho da escola que muitas vezes a gente chamava o pai lá na escola o pai não ia e hoje a gente consegue que o pai vá é isso faz toda diferença se a escola consegue trabalhar junto com a família é outro, e claro que o aluno vai ser atingido de outra forma, porque se a escola trabalha de um lado e a família trabalha de outro não da liga, mas se os dois se as coisa são integradas ai sim.[...] eu sinto isso que a partir de que a escola se abriu a comunidade, a comunidade entrou, e a partir do momento que a comunidade entrou ela começou a valorizar a escola e começou a trabalhar junto. (Trechos da entrevista da Professora Paula)

A partir dessas reflexões e apontamentos apresentados pelas professoras, me atrevo a dizer que o sentimento de pertencimento dos sujeitos escolares e comunidades são significativos para se pensar a educação nesses espaços. Nesse sentido, uma escola em contextos de Favela, tem o dever de acolher, assim como reconhecer a diversidade de sujeitos que estão no cotidiano escolar, pois ao se apropriar desses espaços os sujeitos recriam e dão novos significados atribuindo-lhes outro valor simbólico de permanências e resistências nesses espaços.

4.4 Favelaescola: Espaço Simbólico

Dos vários elementos sutis presentes nas narrativas das professoras e professor, umas delas aparece de forma intrigante. São elementos que trazem a questão de um espaço simbólico que as escolas assumem no território favelado, convidando a uma reflexão de como os códigos e linguagens que perpassam o cotidiano escolar e dos sujeitos escolares refletem sobre a forma na qual a escola se estabelece nesses espaços. Magnani (2000) nos ajuda a refletir sobre o espaço simbólico que se configura como um local, que se torna referência para dizer de um determinado grupo que o frequenta sendo capazes de criar redes de sociabilidade, que o autor designa com o termo “pedaço”, que seria portanto

O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada

nos laços familiares, porém mais densa significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. (MAGNANI, 2000, p.32)

Tomando como referência a ideia de que a escola, nesse contexto, apresenta-se com lógica do pedaço, desloca a escola para um lócus de possibilidades outras para além da reprodução sistematizada de conteúdos. Parafraseando Paulo Freire, educar diz das possibilidades que se oportuniza aos estudantes de se criar formas outras de construir o seu próprio conhecimento, e nesse sentido, a escola necessita estar alinhada a suas funções sociais para que se torne possível essa construção dos sujeitos alunos, a partir da concepção desse espaço simbólico que pode aproximar-se ou distanciar-se do pedaço real que esse alunos transitam.

Nesse sentido, a Professora Luisa traz em sua narrativa a importância que a escola ocupando esse espaço, que transita entre o simbólico e o real, exerce sobre a vida escolar e social dos estudantes enquanto sujeitos que entendem e conseguem formar um pensamento capaz de ter um olhar crítico-reflexivo sobre o lugar que eles, assim como a escola ocupam

Outro dia eu conversava com um dos grafiteiros do Alto, ele falava: "Quem vem de fora não entende a importância que essa escola tem exatamente onde ela tá", porque parece que é um problema ela acolher crianças que vêm de vários lugares, e acolher meninos que por exemplo o limite deles de andar é ali a escola, os meninos que vem de baixo que trabalham em alguma "boca" alguns não podem passar pra cima da escola, não podem subir mais no morro e alguns não podem descer, mais aí ele dizia: "É incrível como essa escola, justo nesses espaço, cumpre uma função social que é muito importante." porque se todos eles tem que estar aqui, se todos eles têm que conviver aqui esse é um espaço muito potente de gerar uma solidariedade, de gerar uma solicitude, de gerar uma amizade e deles se entenderem sobre uma outra perspectiva que não seja a perspectiva de um inimigo ou de alguém que concorre, mas é a perspectiva de um irmão. E aí não é nem a ideia, não sei qual é a ideia, estou nem, não é nem pensar como negativo ou positivo é entender que as "bocas" tão ali, que o tráfico existe ali e que ele é uma forma de que aquele povo tem sim de viver, é uma coisa que tá ali e para alguns foi o recurso que chegou. Mas se os meninos conseguem se entender dentro da escola, se eles conseguem inclusive chegar ao ponto de se amar minimamente dentro da escola, fora da escola isso não se perde, e aí ainda que cada um trabalhe em um espaço eles conseguem se respeitar fora também e isso é muito legal, isso pode ser um potência, mas pra isso a escola tem que cumprir o papel dela muito bem cumprido e as vezes isso é difícil, porque quem tem que ajudar eles a fazer isso também somos nós, e nós às vezes chegamos super capengas para ajudar, para ajudá-los a fazer isso, às vezes a gente não consegue fazer nem na gente, mas é uma potência assim a nossa escola atende esse público. (Trechos da entrevista da Professora Luisa)

Portanto, a escola se torna esse espaço potente de partilha e de encontro quando ocupa um território que carrega suas regras e codificações tornando-se um "pedaço" importante para sociabilidade dos sujeitos que por ali se movimentam. A escola precisa ser esse espaço que respeita as peculiaridades que afloram dos territórios favelados, conseguindo olhá-los e enxergar a potência que deles emanam.

Porém essa representação do espaço simbólico que se constitui das escolas nesses espaços, também podem vir a deixar despontar sentimentos, indignações assim como marcas que esses corpos favelados carregam. Nesse sentido, a escola também pode vir a se tornar uma reprodutora das desigualdades e preconceitos que assolam esses corpos. A Professora Ana Luiza relata em sua narrativa que esse simbolismo emergiu em suas aulas de forma inquietante por parte dos alunos.

eu te disse eu tenho vários alunos que moram em abrigos e vários que tem irmão, pais, mães enfim familiares presos, então assim eu acho que eles estarem numa escola, num espaço colorido, aberto, mas é claro que tem o porteiro, que tem entrada e saída no horário, mas não tem essa lógica do aprisionamento, tanto que eu brinco isso foi uma coisa que me chamou muito a atenção e que inclusive eu tive que construir isso com eles porque a quadra ela tem um portão de grade e eu tranco ele, isso no início os alunos falavam assim comigo: “ professora, você tá prendendo a gente aqui, a gente não é prisioneiro”, daí eu tive que construir o porque que era importante naquele momento das nossas aula eu trancar o portão com o cadeado e aí mostrando: “Olha só vocês lembram quando outros alunos de outras turmas entram e vocês ficam incomodados, a maior questão e pela segurança nossa, e deles entenderem que agora o momento é da aula de vocês, não é da aula deles, que você imagina que todo mundo que entrasse eu parasse a aula pra tirar ele”, mas eu fui confrontada com isso, sabe, e eu vi na cara deles o vários: “nossa, mas você tá tratando a gente como prisioneiro, ladrão, vocês são ladrão, a gente num vai fugir não fessora.” Entendeu, então eu acho que é disso, só significado simbólico da grade pra eles. Então eu fui questionada e assim mais uma vez eu tive que construir pra eles e pra mim também e identificar, olha isso pra mim é só uma questão de segurança, pra eles não, pra eles tem uma outra simbologia, que fere, que muitos deles ficaram me olhando assim: “porra” sabe, então eu também tive que pensar o porque disso e conseguir explicar o porque que eu tava fazendo aquilo, é uma questão da representação simbólica do que determinada ações e determinados espaços tem pra eles.(Trechos da entrevista da Professora Ana Luiza)

Nessa perspectiva, a educação em escola de Favelas carrega o desafio de constituir espaços e tempos, “pedaços” que permitam e reinvenção das relações sociais na escola e, ao mesmo tempo, constitui-se em um espaço que não reproduza a invisibilização que esses corpos já carregam apenas por residir e resistir em um território favelado.

5 LIMITAÇÕES E POSSIBILIDADES

A escola presente em contextos favelados é uma instituição singular. Assim, entendo que nenhuma Favela tem as mesmas características que outras. Assim também são as escolas faveladas: cada uma tem trajetórias, histórias que se expressam a partir da sua ocupação em determinado território. Nesse sentido, as possibilidades e dificuldades que surgem do trabalho docente de professoras e professores de Educação Física se apresentam de maneira particular à escola que atuam. Pois como já enunciado pensar em uma educação única para lugares diversos é desconsiderar os saberes que emergem desses espaços como lócus multiculturais

A escola, como espaço socio-cultural, é entendida, portanto, como um espaço social próprio, ordenado em dupla dimensão. Institucionalmente, por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos. Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressão e de acordos. Um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar. Fruto da ação recíproca entre o sujeito e a instituição, esse processo, como tal, é heterogêneo. (DAYRELL, 1996 p. 1)

Nesse lugar do não hegemônico que se expressa em escolas de Favelas, as limitações, dificuldades e possibilidades enfrentadas por professoras e professores de Educação Física se manifestam de forma diferenciadas. Assim, para trazer as experiências vivenciadas pelos sujeitos dessa pesquisa nesse capítulo apresento reflexões que se relacionam com os objetivos propostos neste trabalho. Para tanto, farei uso de trechos mais extensos de suas narrativas como forma de respeitar a propriedade do lugar de fala que eles exercem. Apresento agora parte da narrativa de cada um dos docentes destacando as dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar, assim como as possibilidades encontradas por cada uma/um em sua atuação.

Professora Paula

Acho que o maior problema sou eu, as minhas dificuldades porque assim, os alunos tão lá abertos para aprender a escola tá lá, o espaço tá lá mesmo que às vezes ele fica molhado, mas passo o rodo. Então talvez essa seja uma dificuldade a quadra descoberta e o fato de eu ter que passar o rodo antes de dar aula, então, por exemplo, ontem choveu eu cheguei lá a quadra estava molhada eu sentei meu grupo de alunos no centro da quadra porque eu sempre começo a minha aula em roda, sentei com eles e fui apresentar o projeto novo que a gente vai fazer que é : “somos todos iguais?”, é uma interrogação, que aí eu escolhi um livrinho na UNICEF que fez pesquisa com várias crianças de vários lugares do mundo aí eu escolhi uma criança para cada sala, então cada criança eu leio uma página do livro, estou lendo pra eles

a característica dessa criança, o lugar onde ela mora a comida que ela come e hábitos dos lugares, aí eu leio pra eles esse livrinho e mostro pra eles no mapa mundi onde fica o país daquela criança, a distância entre o Brasil e ela, pronto aí fiz essa parte, enquanto eu fazia isso os faxineiros foram lá e secaram a quadra pra mim, ainda ficou úmida, tirar o excesso. Aí já fomos brincar de boas, mas as vezes atrapalha quando o faxineiro não pode ir lá secar pra mim os meninos vão ter que fazer uma brincadeira ali no centro, porque o centro da quadra fica sempre seco, então eles vão fazer um corre cutia, vão fazer um pato-ganso, um pato-ganso-cachorro. Plano B todo mundo tem que ter um plano b na manga. Aí enquanto eles tão brincando ali no centro, eu vou secando a quadra, aí se não dá tempo de secar pelo menos eles brincaram um pouquinho, correram um pouquinho, são brincadeiras que eles já conhecem eles dão conta de fazer sozinhos, eles já têm essa autonomia, pra ir trocando aí eu dou conta de realizar isso com eles. A outra dificuldade que às vezes eu falo que sou eu é porque a gente fica cansado a gente fica desmotivado, aí quando a peteca cai a gente é que falta com eles, mas eles estão sempre abertos eles tão sempre lá querendo, muitas vezes eles falam assim: você vai ensinar a brincadeira nova, eu respondo que não que vou ensinar uma brincadeira nova, todo dia se repete, mas eles realmente estão ali entendendo o que a gente tá fazendo eles gostam, eles se empenham, essas pequenas dificuldades de um bate boca, de uma briguinha não são um grande problema com certeza, muita gente vai falar que é violência mas não é. Acho que eu sou o maior problema da minha aula.

Eu acho que a minha possibilidade é enorme, por isso eu te falo que a maior dificuldade sou eu mesmo, porque às vezes a gente fica com preguiça, fica cansado, do que fazer, mas assim eu propus um projeto pra escola, um projeto parque na escola, propus buscar a questão étnico-racial, pra eles esse anos. E as professoras abraçaram o projeto. Dentro da minha aula eu trabalhei as brincadeiras indígenas e brincadeiras africanas. A gincana da família foi toda em cima das atividades das brincadeiras africanas, como você fala assim que não tem possibilidade? E agora eu propus pras crianças o estudo das crianças do mundo, eles abraçam então assim eu acho que a gente consegue atingir muita coisa e assim, as pequenas coisas, acho que nas pequenas coisas, porque assim a escola está com um projeto de desperdício zero, aí a professora desce com os meninos pra merenda, os meninos ficam na fila ela entrega pra coordenadora e sobe pra lanchar, quando eu desço com meus alunos eu sento eles na mesa e a gente vai olhar o cartaz que está lá: “Gente o que tá escrito aqui?”, os meninos do primeiro ano não sabem ler, “oh, aqui tá escrito desperdício zero, tá vendo que o prato está vazio, quer dizer que a gente não pode jogar comida fora, olha essa foto aqui, o

que as crianças estão fazendo nesta foto? elas estão comendo juntas, tá vendo que ninguém tá conversando é porque a hora do lanche é hora de lanchar.” Se você vai trabalhando coisas que não são da Educação Física, mas que são da educação, então você tem que trabalhar na sua aula, a questão de lavar a mão, a questão do beber água, da hidratação, a questão de usar um banheiro, então na minha aula eu tenho um combinado com eles 40 minutos de atividade minha eles não podem sair da quadra pra beber água e ir no banheiro, nos 20 minutos finais eles podem beber água e ir no banheiro, porque ai eu já fico ali mais, fico orientando no pátio, porque o bebedor e o banheiro são no andar de baixo, então eu perco totalmente a visão dos meninos então eu tenho que meio ali no meio do caminho pra ver como que tá sendo, se eles estão gritando, se eles estão batendo porta de banheiro, se eles estão entrando por debaixo da porta e essas coisas. Aí nesses 20 minutos então, eles têm autonomia, que não é uma coisa da Educação Física, mas é uma coisa da educação, todo mundo tem que ter autonomia, questões de cidadania, então eu trabalho muitas coisas que não são da Educação Física, mas que são da escola, da cidadania, e eu acho que a gente consegue transformar crianças em cidadãos, através de qualquer matéria, mas através da minha aula eu sei que consigo transformar. O meu desejo é que assim 70% dos meus alunos fossem atingidos pela minha aula do jeito que eu planejei se 1% tiver sendo eu estou continuando tentando, mas que se der certo vai ser muito bom, porque questões que surgem de respeito ao outro ao corpo do outro, porque por exemplo nesse 20 minutos eles escolhem as atividades que eu vou fazer, eu dou um número de materiais por exemplo bola elástica e corda, eles vão escolher o que eles vão usar naquela aula e com quem eles vão brincar, eles vão aprender a dividir espaço, eles vão aprender a dividir material, eles vão aprender a resolver conflitos, tudo isso faz muita diferença no cidadão que ele vai ser tornar, ele vai ter que argumentar com o cara, “não você tá usando meia quadra e aqui a gente tá tentando usar, nos estamos sem espaço, diminui aí”, eles vão ter que articular, eles vão ter que se resolver, eu to ali se o negócio não der certo, mas eles que estão tomando a frente das coisas, sabe. É a gente vai começar agora com um projeto sobre o lixo, aí falaram assim: “porque você foi convidada para participar?” porque eu gosto, porque eu abraço a causa, porque qualquer coisa que falarem pra mim que é pra melhorar a vida dos meninos eu estou dentro, sabe assim, você vai, vou, vou arranjar um jeito de fazer isso dentro da minha aula, vou fazer por exemplo brincadeira de reciclável, vou criar alguma coisa, porque eu quero participar das coisas, porque tudo isso que envolve a vida, a melhoria da vida dos meninos eu quero tá dentro, então a possibilidade é gigante, é ilimitada.

Professor Samuel

É primeiro eu acho que o desgaste físico, o desgaste físico ele é muito, como eu já relatei anteriormente. A grande dificuldade de você ter uma turma, embora lá as turmas sejam menores assim 23/22, você ter uma turma de 23 e, mas uma turma muito agitada, então o problema da voz é caótico, então eu que dou aula de manhã, e ainda vou dar aula a tarde, chega a tarde a voz já num tá ajudando, e isso é um problema já de segurança do trabalho. É acho que mais em relação a cansaço físico, porque quando você vê o problema de conflito a posição geralmente é você amenizar o problema, atuar em cima do problema, então como eu disse anteriormente isso aparece sempre na aula igual eu disse 20 minutos é problema, 30 minutos você consegue dar aula e os outros 20 é problema pro você resolver, o conflito aparece o tempo inteiro, mas ele é importante, é importante as crianças necessitam dele também, pra conseguir lidar com o problema lá fora, a escola é uma ferramenta de conhecimento, pra ensinar o jovem a como lidar com isso lá fora, que dentro da escola pra essa idade eles ainda tem a proteção da escola, ainda tem a proteção do adulto, mas quando essa crianças se tornarem mais velho e esse conflito estiver armado, porque isso ia acontecer, tem meninos lá que tem irmão no tráfico, que essa situação ela é como se diz assim a propensão dele entrar no tráfico é muito grande, de ele reproduzir o que a família ou o pai fez, então talvez o que a escola ensinou possa ensinar ele a sobreviver lá fora de uma maneira mais tranquila.

Professora Luisa

Nó, começando pelo que eu acho mais básico e mais concreto, há uma dificuldade com material, não tenho material disponível muito menos quando se pensa em ideias de aula que a gente tem lá na Educação Física com todo aquele material maravilhoso, uma bola para cada dupla, por exemplo, assim num tenho esse ano a gente começou eu tinha três bola furadas, falava assim: “cara como eu dou aula com três bolas furadas?” porque as aulas que eu tava propondo eu combinei com os meninos eles toparam então o primeiro módulo a gente fez de circo, mas a aula que era deles eles queriam a bola e eu ter só uma bola furada me gerava uma sensação super ruim saca, cara os meninos querem fazer as aulas deles e eu tenho uma bola furada para oferecer saca, é e ainda tá assim mais ou menos, mas eu tinha uma bola de vôlei da época que eu jogava em casa, assim catei essa bola e aí tinha uma outra bola, apareceu lá outras bolas, então agente tá com três bolas mas são cinco professores a tarde, formada e Educação Física só tem eu, mas tem os outros professores que

trabalha, com os anos do primeiro ciclo que também precisam de material e tá todo mundo sem material sabe, a gente teve uma questão ano passado com os materiais, talvez uma primeira dificuldade sejam os materiais, aí existem possibilidades também, porque aí no circo a gente trabalhou com a construção de alguns, materiais então com a construção de malabares, com a construção dos balangandãs, como se fossem as fitas e também tem possibilidades mas não dá pra apagar também que esse é um problema e é um problema em várias escolas da rede, assim não tem material. É tem esse problema do espaço, problema mais estrutural da escola mesmo, por exemplo, quando chove não tem jeito, lá tem um problema com os pombos, eles ficam na quadra aí tem dia que falo: “nossa esses meninos jogando na quadra”, pensando nas aulas de capoeira eu pensava: “nossa tomara que a quadra esteja limpa hoje”, mas dificuldades materiais e concretas. Outra dificuldade que tenho é que senti forte é isso como fazer os meninos acreditarem um pouquinho eu preciso de um grão de confiança deles de que a Educação Física não é só bola pra eles me darem um pouco de espaço também, porque eles vêm acostumados a isso, passaram os anos todos antes trabalhando com a Educação Física como se fosse bola qualquer tipo de bola, o quarteto que a gente fala e é difícil demais tirar isso deles assim, fazer eles entenderem que a aula é de circo que a gente não tá perdendo o tempo da aula de Educação Física não, é Educação Física sabe, preciso de um pouquinho de confiança pra eles acreditarem que é e pra gente tentar fazer e pra eles verem que é muito legal também, e ainda que você não ache tão legal é um outro conhecimento que você tem e que não é só o futebol, não é só a queimada assim, e em tão pouco só os meninos jogam futebol e só as meninas jogam queimada, enfim, essas questões todas ficam indo e voltando, então esse costume deles a bola como única possibilidade da Educação Física é uma dificuldade a pensar outras coisa. Outra questão é própria da construção da educação é difícil conseguir falar com eles, porque eles querem falar muito e querem correr, e querem gritar e querem jogar papel um no outro, então criar uma estratégia, eu entendo cara jogar papel um no outro é muito legal, e que nem eles têm uma habilidade incrível de fazer aviõzinho de papel e no teto da sala tem uns canos que passa fiação e tem as luzes, os ventiladores e eles têm uma capacidade incrível de fazer os aviõzinhos e tacar e grudar nesse cano, outro dia eu vi e falei: “Mateus isso é incrível, cara, mas eu também não posso permitir que você passe a minha aula inteira fazendo isso, não hoje, a gente pode combinar um dia que a aula seja fazer aviõzinho de papel e ver quem consegue agarrar o aviõzinho, mas todo tempo e toda aula não.” Então estabelecer esse diálogo com eles é um desafio. Outro desafio que é um desafio geral que talvez tenha esquecido de dizer antes, essa relação entre a função e o espaço do outro, então eles tem uma

mania de deixar as coisas sujas como se qualquer pessoa fosse, pudesse, assim, tem que limpar pra que eu vou deixar a sala limpa, é então é isso vou encher ali e aviãozinho e não tenho nada haver com isso, falo assim: “galera não se a gente se propõe a encher de aviãozinho o teto e sabe que amanhã vai ter que tá tudo sem aviãozinho porque a outra turma tem o direito de encontrar a sala limpa, no final da aula a gente não sai se a sala não tiver limpa de novo porque a gente não tem assim, as pessoas que estão aqui conosco não tem a obrigação de ficar catando as bolinhas de papel, ou tem, mania de pegar a bolinha de papel e jogar pela janela assim, papel de bala joga pela janela, falo assim: “ gente essa janela aí abre pra onde pra que plano outro que ela abre que esse trem cai do lixo já, que alguém não tem que ir lá e catar pra você, e se alguém que ir lá catar poxa, levanta da tua cadeira e joga o trem ali no lixo sabe?”mas assim uma dificuldade geral. E pra aulas eu tenho uma dificuldade comigo, uma dificuldade pessoal de entender as às vezes no contexto que me insiro lá e às vezes ver umas situações que eu acho tensas de ver assim, essas relações da violência, algumas relações de desestrutura familiar, algumas relações com o é não ter o que, não ter mesmo as coisas, não ter estrutura, de não ter o que comer cara, não ter nada e que eu olho e me impacta muito e aí eu fico pensando o que a Educação Física tem pra fazer aqui, a Educação Física é o de menos, o que eu tenho de conhecimento de Educação Física aqui é o de menos aqui assim é quase uma desculpa pra eu estar aqui sabe, eu entendo quase como um pretexto, pretexto, eu precisava disso pra chegar ali e ver outras coisa também, pra poder trabalhar outras coisas no sentido de humanidade, de entender uma humanidade, de propor e de propor junto assim, de entender limitações e potencialidades de propor ali, é isso tenho uma dificuldade de organizar o conteúdo nesse sentido, de falar:” Cara pra que eu estou aqui , pra que eu vou dar aula disso aqui que não faz a menor diferença” e depois eu falo: “não, vai fazer diferença.”, mas é mais um pretexto de tá junto de poder dialogar, porque quando eu entrei pra licenciatura era pra isso, só queria tá junto de gente sabe, assim poder estar num espaço educativo junto de gente e poder junto com ter a possibilidade de construir coisa, era só pra isso meu desejo era esse e a licenciatura era o primeiro recurso que eu precisava e aí a Educação Física foi o outro, e às vezes eles ficam pequenos de novo e eu só me entendo como uma pessoa que está ali com eles pra juntos a gente tentar construir que seja uma forma menos violenta de se relacionar, entre eles, uns com os outros.

Possibilidade. É isso que eu falo como uma dificuldade, as possibilidades pra mim estão sempre coladinhas umas nas outras assim, porque ao mesmo tempo em que eu digo que eles têm que é uma dificuldade essa questão deles com a bola ao mesmo tempo a descoberta de

que existem outras coisas para alguns é altamente libertador. Então ano passado a gente teve uma parte muito legal que a gente trabalhou com o Parkour, e para alguns meninos descobrir o parkour, foi assim, eles descobriram nada, eles só deram o nome para uma coisa que eles faziam o tempo inteiro, mas ter o nome pra o que eles faziam o tempo inteiro deu uma legitimidade para eles fazerem na escola, que eles queriam e aí eles começaram a jogar com os outros professores, porque os outros professores e parte da direção falavam: “para com isso, para de subir, para de pular, para de num sei o que..” Aí depois que a gente teve as aulas eles falavam: “A gente tá fazendo Parkour” E aí a direção e os professores começaram a falar: “mas que diacho é esse”, porque antes eles fotografavam os meninos, os meninos subiam, lá em um muro entre a quadra e o espaço da árvores tem um muro que é super fino, eu não sei como eles andam lá em cima, mas eles andam tranquilamente, pulam, sobem, sobem nas árvores, aí no princípio eu pensava, nossa eles vão cair, depois eu me dei conta de que não, eles não vão cair porque eles fazem isso desde que eles tinham seis anos, assim quem vai cair sou eu se eu subir, sabe, eles não vão cair. E assim talvez em algum instante possa acontecer um acidente e eles caírem, mas assim a todo instante como a gente fala, não cara eles não vão cair, com toda tranquilidade eles pulam de uma árvore para a outra, pulam do muro pra árvore, da árvore pro muro, andam em cima e aí os professores fotografavam porque isso dá pra janela de algumas salas, levavam pra direção, xingavam e tals, e aí eles vieram conversar comigo e eu falei: “gente olha, a gente tem uma forma de estudar isso na Educação Física de legitimar isso, mas a gente tem que fazer os combinados do momento que pode e do momento que não pode.” E aí a gente começou com o Parkour e fizemos várias, fizemos um projeto todo de parkour que foi os que eles mais gostaram ano passado de todos, tanto que eles sempre iam pedindo pra voltar, e isso por um lado amenizou os tempos que eles faziam isso, porque eu falava: “gente, hoje não é o momento, nosso combinado não é pra hoje,” Aí eles desciam numa boa, faziam participavam da aula, mas em outros momento que eles queriam fazer isso eles tinham argumentos, que sabe isso era muito legal, eu achava o máximo, mas os professores não. Uma professora esse ano veio: “Esse ano num vai ter esse trem de parkour não aí eu falei: “tem que ter, faz parte da Educação Física, sabe, igual subtração faz da matemática, num dá pra eu ignorar que tem”, e aí os meninos começaram a ganhar esse argumento: “pô a gente tá fazendo parkour, a Luisa que deu”, pensava nossa, eu não sei se isso é bom ou ruim, mas de alguma forma é muito legal ver eles se apropriando também, e é isso tinha aula que podia ser futebol e eles falavam: “Ah, a gente quer fazer parkour” que estranho né, que loucura. Esse ano também rolou com o circo uma aula que era, e uma com a capoeira, que um menino que ama futebol falou:

“fessora, hoje pode ser capoeira e não futebol?”, eu falei: “gente, que sonho”, e que delicia assim, e ouvir isso também, porque não é nem por ser a capoeira e não ser o futebol, mas é por poder ser outras possibilidades também, pra poder ver o corpo em outros movimentos, é se apropriando de outras coisas e se reconhecendo como muito potente, porque a capoeira e parkour também, são duas coisas que quando eles começam a fazer eles se dão conta de que eles são bons sabe, eles falam: “nossa, já faço umas coisas muito legais assim,” e aí eles irem se reconhecendo nisso e eles indo dando conta de fazer vai dando uma empoderada mesmo, eles vão se sentindo bonitos assim, e é muito legal a gente vê, não sei se você conhece uma série de curta assim que, uns documentarizinho que chama: “afrota” ai tem um, o primeiro que é dá Lo Nascimento que ela fala: “É a gente já era bonito, a gente só não sabia, a gente só não se reconhecia e não falava disso” e aí de vez em quando eu olho pra eles, tenho essa sensação, porque as vezes eles são colocados sim e a escola faz essa função infelizmente de colocá-los num lugar de feio, é de pouco sabe, de quem..., os meninos que tomam bomba principalmente, de meninos que tão sento ali, que eles estão fracassando no que eles tinha que tá fazendo. E cara olha isso é incrível quando eles começam a se reconhecer como incríveis isso é muito doido, é incrível assim tá bem, porque aí dá até brilho a escola sabe, a escola tem que ser um lugar brilhante, e não um lugar de todos se sentirem fracassados e sem vida, é pra ser uma coisa pulsante ali no meio, então a Educação Física pra mim me dá isso como uma potência, muito, muito, muito significativa, porque é, e acho isso pra humanidade toda quando a gente descobre também as potências de um corpo, de uma cultura num corpo a gente descobri um outro estar no mundo, é isso se eu faço, se eu consigo subir na árvore, e isso num é feio não, não to contrariando a lei não, estou fazendo parkour, num é isso que você tá achando não, num estou de feio aqui não, to é bonito, maravilhoso arrasando na minha aula. É se eu consigo que seja jogar futebol como eu jogo, se eu consigo jogar queimada, se eu consigo dançar, se meu corpo dança, se meu corpo joga capoeira cara o meu espírito pelo mundo é revolucionário e eles dão conta disso, isso toca em algum momento e eu só quero, meu único desejo é esse, é não tenho nenhuma pretensão que eles saibam tudo de Educação Física e talvez seja uma péssima profissional por isso, mas só quero ver eles como corpos potentes e como seres potentes, como almas potentes nesse mundo, se eu puder contribuir um pouquinho com isso, porque eles me tornam potente, é eu to feliz, to satisfeita.

Professora Ana Luiza

Possibilidades... Eu acho que de construção primeiro da Educação Física naquela escola enquanto uma disciplina reconhecida, legitimada porque é isso, por mais que eles, os professores falam: “você é a professora mais querida”, daí você ver que tem um “ranço” como os meus alunos falam, acho que é isso o desafio para a escola para os seus pares entenderem que a Educação Física é uma disciplina, é legitimada, faz parte do currículo escolar. O desafio de lidar com as diferentes realidades, é um desafio eles são sujeitos completamente diferentes uns dos outros, com por mais que a gente fale que eles têm vivências próximas, que eles moram na mesma comunidade, não, mas, cada um tem a sua história, cada um reage a sua história de forma diferente, lida com a sua realidade de modo diferente, e entender que isso reflete nas nossas aulas, e entender essa dinâmica da vida pra mim é o maior desafio, sem dúvidas assim. E entender que eu também sou gente que eu também tenho os meus sentimentos, eu também tenho as minhas expectativas, eu também fico frustrada quando que chego e não consigo dar a minha aula, então é aprender a lidar com isso, porque vai ter dia que eu não vou conseguir dar a minha aula e vai ter dia que vou dar uma aula e falar: “Nossa Senhora e agora?”, como acontece direto assim. Acho que o desafio é esse, entender que é um dia após o outro mesmo e que a gente lida com diferentes sujeitos.

A partir do que foi narrado por cada um, temos indícios de quais são as limitações e possibilidades em cada uma das escolas onde essas professoras e professor atuam. Nesse sentido, irei destacar alguns trechos buscando a reflexão sobre eles, de forma a tentar identificar os que são de alguma forma comum nos contextos desses sujeitos. Ressalto que não condiz a uma totalidade de contextos, mas aos que esses sujeitos encontram em sua atuação, pois como anteriormente citado, uma realidade pode se assemelhar a outra mas não terá sempre as mesmas características, pois cada Favelas se tratar de um contexto particular a cada qual.

Nessa perspectiva, aparece de forma contundente nas narrativas o fato das principais limitações serem os desafios que vêm dos próprios sujeitos docentes ao se enxergar nesses espaços, entendendo-o como um local que tem suas demandas particulares e peculiares. Assim as falas das professoras Paula, Luisa e Ana Luiza destacam uma limitação que vem delas. Nesse ponto, me atrevo a relacionar essa dificuldade com a inexistência de aproximação, vivência e reflexões sobre esses espaços, bem como possibilidades de atuação

ao longo da formação inicial de professoras e professores de Educação Física. Formação que negligencia ou nos nega a experiência de atuação nesses espaços, corroborando assim para a reverberação e reprodução social do silenciamento dos povos e corpos favelados.

“Acho que o maior problema sou eu, as minhas dificuldades porque assim, os alunos tão lá abertos para aprender a escola tá lá, o espaço tá lá mesmo” Professora Paula

“E pra aulas eu tenho uma dificuldade comigo, uma dificuldade pessoal de entender, às vezes no contexto que me insiro” Professora Ana Luiza

“E entender que eu também sou gente que eu também tenho os meus sentimentos, eu também tenho as minhas expectativas, eu também fico frustrada quando que chego e não consigo dar a minha aula, então é aprender a lidar com isso” Professora Luisa

Para além da percepção de um desafio oriundo dos sujeitos docentes, todos retratam uma dificuldade no campo da materialidade; seja ela na questão do espaço físico escolar e/ou dos materiais específicos para as aulas. Essa é uma dificuldade que acredito estar relacionada ao não investimento material nessas escolas também fruto da invisibilização desses espaços enquanto espaços. Ressalto que não desconsidero que exista um desinvestimento em todos os âmbitos da educação nacional, me questiono o que leva algumas escolas a terem maior montante de verbas em detrimento de outras? Seria pela localidade onde se encontra? Seria por um trabalho diferenciado? Deixo esses questionamentos em aberto, pois ainda não consegui respostas concretas.

“Então talvez essa seja uma dificuldade a quadra descoberta e o fato de eu ter que passar o rodo antes de dar aula” Professora Paula

“começando pelo que eu acho mais básico e mais concreto, há uma dificuldade com material, não tenho material disponível” Professora Luisa

Outro ponto que merece destaque e que se faz presente na narrativa do Professor Samuel está associado às condições gerais de trabalho dos professores e professoras que se manifesta, por vezes, no cansaço físico e esgotamento mental e emocional dos docentes.

“É primeiro eu acho que o desgaste físico, o desgaste físico” Professor Samuel

Das possibilidades faço a opção de não tecer comentários, pois convido você leitora/leitor que ao se deleitar sobre essas narrativas, a partir das experiências relatadas por esses professores

tenham suas próprias reflexões sobre as inúmeras e potentes possibilidades que essas professoras e professor encontram em sua atuação em escolas de Favelas.

6 CONSIDERAÇÕES INCONCLUSIVAS

Iniciarei essas considerações afirmando que não tenho a intenção de concluí-las, pois entendo que assim como os territórios favelados estão todo o tempo em busca por se constituir em um espaço de resistências e existências, eu enquanto uma mulher negra e favelada na Universidade, também estou todo o tempo numa busca incansável por me constituir sujeita. Compreendo que carrego em mim, a favelada e a professora. Portanto, ter a ilusória ideia de que apenas neste breve trabalho concluiria um estudo que carrega consigo uma imensidão de signos e significados, vidas e vivências do território favelado, seria desconsiderar a potência que proponho ao trazer o meu “pedaço”, pedaço esse que me constitui enquanto sujeita-professora.

Nesse sentido, trarei aqui algumas das reflexões que dão margem para entender que a educação nas Favelas tem potências e que somente as enxergaremos quando nos dispusermos a pensar esses espaços como territórios multiculturais ricos em possibilidades. Quando nos dispusermos a desvincular das favelas os estereótipos históricos a elas atribuídos. Quando conseguirmos enxergá-las dessa maneira entenderemos que para que a educação como um direito universal aconteça de forma plena nesses espaços, primeiro necessita-se reconhecer a natureza do trabalho docente nesses espaços e, ao mesmo tempo, resguardar certas singularidades.

Ser ou estar professora ou professor em uma escola em Favela diz do entendimento de que a prática docente precisa caminhar num sentido de articular-se com as práticas emergentes e já existentes na comunidade, bem como com os sujeitos que chegam à escola. Nesse sentido, se educar em Favelas é pensar meios de fazer com que a cultura, os costumes e as práticas corporais existentes ali se tornem parte da atuação, de modo a dar voz e visibilidade ao que de rico e potente emana daquele território.

Penso ser imprescindível que a professora e/ou professor seja capaz de construir estratégias que consigam romper, desconstruir ou ainda desnaturalizar um sentimento de invisibilidade que os corpos favelados carregam. Acredito que quando a escola se abre a escuta desses sujeitos e que a partir disso se coloque em diálogo constante com suas demandas e necessidades, consegue-se dizer aos estudantes que sua prática e seus corpos são visíveis e que, portanto, são belos parafraseando uma frase narrada por uma das professoras. Assim, quando a Educação Física se propõe a escuta da voz desses corpos silenciados ela se coloca num lugar de formar sujeitos potentes, com almas potentes para a sociedade. Acrescento que

esses corpos tornando-se visíveis e esses sujeitos ouvidos serão capazes de transformar a realidade de suas “quebradas” a partir de sua emancipação como sujeitos.

O processo de emancipação passa, necessariamente, pelo olhar sensível da professora e/ou professor para com os estudantes, no sentido de construir vínculos afetivos e solidários com esses alunos. Entretanto, esse não é um vínculo qualquer, ele relaciona-se ao que Paulo Freire afirma ser uma construção que passa pelos eixos éticos, estéticos e políticos de se educar. Nas narrativas das professoras e professor surge de forma explícita como essa dimensão da afetividade se apresenta intensamente durante a sua atuação. Portanto, parece-me quase impossível um movimento de educação em Favelas, que não considere o gesto afetivo e amoroso que o ato de educar exige dos docentes.

Diante de todas as possibilidades e dificuldades apresentadas pelas professoras e professor em suas narrativas, assim como minha imersão em estudos sobre a Favela, sobre a educação em contextos populares, construo algumas reflexões sobre a formação inicial de professoras e professores de Educação Física. Acredito que nossa formação tenha um grande desafio qual seja o de pensar maneiras de se aproximar e construir diálogos com os contextos singulares das práticas docentes que se materializam nas escolas de Favela.

Ademais, ressalto a importância, ou melhor, a potência que tem a escuta da voz e do lugar de fala das professoras e professores que vivenciam o chão da escola diariamente nesses espaços. Durante a minha trajetória no curso de Licenciatura em Educação Física, me lembro de ter ouvido a fala desses sujeitos em pouquíssimas ocasiões. Assim, muito do meu inquietamento em realizar esse trabalho passa por esse lugar de buscar por esses sujeitos que acabam não sendo vistos pela academia. Portanto, finalizo minhas considerações – que não se concluem –, afirmando que é imprescindível para a nossa formação como professoras e professores que estejamos em diálogo constante, principalmente nos estágios com escolas que estejam em territórios favelados e, para, além disso, que a nossa formação humana e social exija de nós sensibilidade para olhar o outro e entendê-lo como sujeito. Re-conhecer outras maneiras e contextos de vida como belas e potentes passa pelo passo inicial de se deixar conhecê-las, pois já disse Paulo Freire (2017): “Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente.” É nesse mover-me como gente que venho construindo a sujeita-professora que me torno.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo, Leya, 2010.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação. Nº19, p. 20-28, abr. 2002.
- BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. *in*: BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Org. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 41-64.
- BRACHT, Valter. Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento? *in*: SOUZA JÚNIOR, M. **Educação Física Escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica**. Recife: EDUPE, 2005. p. 97-106.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10/ jun. de 2019.
- CANETTIERI, Thiago. Entre a vida e a morte das favelas: o programa de urbanização das vilas e favelas como gentrificação em Belo Horizonte. *in*: **Favelas e periferias metropolitanas: exclusão, resistência, cultura e potência**.Org: Clarice Libânio. Belo Horizonte: Favela é isso aí. 2016, v.1, p. 113-125.
- DACOREGIO, Elisete Gesser Della Giustina; DANTAS, Jéferson. Território, currículo escolar e formação docente: a experiência da Comissão de Educação do Fórum do Maciço do Morro da Cruz em Florianópolis/SC. *in*: **Formação Continuada e Politização Docente: Escola e universidade na luta pela educação no Maciço do Morro da Cruz - Florianópolis/SC**. Orgs. Luciana Pedrosa Marcassa, Fábio Machado Pinto e Jéferson Silveira Dantas. Florianópolis: Insular, 2013, p. 61-77.
- DAVIS, Mike. **Planeta Favela**. Tradução de Beatriz Medina. 1ª ed. São Paulo, Boitempo, 2006.
- DAYRELL, Juarez Tarcísio. **A escola como espaço sócio-cultural**. In: DAYRELL,J. (org): **Múltiplos Olhares: Sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG,1996.
- DAYRELL, Juarez. A escola “faz” juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Florianópolis. Ed. Mulheres, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 55ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo, Olho d'água, 1997.
- GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. São Paulo, Cia das Letras, 1987.
- JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejos: diário de uma favelada**. 10ª ed. São Paulo. Ática, 2014.

LIBÂNIO, Clarice. Colocando os pobres no mapa: representação, cidadania e reconhecimento nas favelas de Belo Horizonte. *in: Favelas e periferias metropolitanas: exclusão, resistência, cultura e potência*. Org: Clarice Libânio. Belo Horizonte: Favela é isso aí. 2016, v.1, p. 281-288.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. *in: Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. Orgs: José Guilherme Cantor Magnani; Lilian de Lucca Torres. São Paulo. Fapesp,2000, p. 12-53.

MEINERZ, Carla Beatriz. Desafios da lógica docente com jovens da periferia urbana de porto alegre. *In: Seminário Internacional de Formação de Professores para o MERCOSUL/CONE SUL*, 18, 2010. Florianópolis. **Anais XVIII Seminário Internacional de Formação de Professores para o MERCOSUL/CONE SUL**, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. 2010. p. 380-391.

MEIRELES, Patrícia Soares de. **As ruas do sol e chã do cajá enquanto periferia do espaço urbano de Alagoinha/PB**: uma análise da infraestrutura. 2013. 61 f. Monografia em Geografia - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2013.

OLIVEIRA, Jane Souto de. MARCIER, Maria Hortense. A palavra é: favela. *in: Um século de Favela*. Org: Alba Zaluar; Marcos Alvito. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2006, 5ª ed. p. 61-114.

OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de. A identificação das favelas em Belo Horizonte. *In: Simpósio nacional de História*, 27., 2013, Natal. **Anais XXVII Simpósio nacional de História**, Natal: Associação Nacional de História, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371302625_ARQUIVO_OLIVEIRA,Samuel.ArtigoANPUH.pdf

PASTERNAK, Suzana. A favela que virou cidade. *in: Cidade (D)Legal*. Orgs: Marcio Morais Valença. Rio de Janeiro. Mauad X, 2008, p. 73-108.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. A boina alienígena: Sujeitos, identidades e diversidade cultural. **Presença Pedagógica**, v.9, n.51. mai/jun. 2003, p. 23-29.

RIBEIRO, Camila Borges; Hunger, Dagmar. Entre os muros da escola: O saber experiencial emergente nas aulas de educação física da periferia. **Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, jul./dez. 2014. p. 193-203.

RIVADÁVIA, Menderson. Correria loka (novas) reflexões: as marcas da luta subversiva pela sobrevivência. **Favelas e periferias metropolitanas: exclusão, resistência, cultura e potência**.Org: Clarice Libânio. Belo Horizonte: Favela é isso aí. 2016, v.1, p. 189-201.

SILVA, Maria Lais Pereira da. Favela: É geral? É particular? É urbano?. **O que é favela, afinal?**Org: Souza e Silva, Jailson de. et al. Rio de Janeiro: Observatório das Favelas, 2009, v.1, p. 30-35.

Seminário Internacional, na Maré, Rio de Janeiro, 1. 2017, Rio de Janeiro. **Carta da Maré, Rio de Janeiro - Manifesto das Periferias**: As periferias e seu lugar na cidade. Internacional das Periferias, 2017, Rio de Janeiro. 5 p.

Seminário: O que é Favela, Afinal? 1. 2008, Rio de Janeiro. **O que é favela, afinal?**, 2009, Rio de Janeiro. 89 p.

SOUSA E SILVA, Jailson de; et.al. **O que é favela, afinal?**Org: Souza e Silva, Jailson de. et al. Rio de Janeiro: Observatório das Favelas, 2009, v.1, p. 16-17.

TEIXEIRA, Inês A. de Castro; PÁDUA, Karla Cunha. Virtualidades e Alcances da Entrevista Narrativa. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA, II, 2006, Salvador. **Anais Congresso Internacional Sobre Pesquisa (Auto) Bibliográfica**. Salvador: UNEB, 2006. 1 CD-ROM.

TEIXEIRA, João Gabriel; Souza, José Moreira. Organização Metropolitana e estrutura social: o caso de Belo Horizonte. **O futuro das metrópoles: desigualdades e governabilidade**. Ed Revan. Rio de Janeiro. 2000. p. 285-314.

TRIVINÕS. Augusto Nivaldo Silva; NETO. Vicente Molina. **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS / Sulina. 1999.

VALIATI, Claudia Maria de Almeida. Escola de periferia: um olhar em construção. In: Reunião Anual ANPED, 23, 2000, Caxambu. **Anais 23 Reunião Anual ANPED**. Caxambu: Associação Nacional de Pós-graduação e pesquisa em educação, 2000.

APÊNDICES

Carta de Apresentação às escolas:

Belo Horizonte, 24 de Outubro de 2018.

Olá,

Eu me chamo Caroline Oliveira, sou estudante de graduação em Educação Física (Licenciatura) pela Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente estou cursando o 7º período e estou desenvolvendo meu trabalho de conclusão de curso (TCC), que tem como tema central: *A atuação do professor(a) de Educação Física em escolas de periferia urbana. (Vilas e Favelas)*. Por meio do TCC pretendo compreender o trabalho docente do professor (a) de Educação Física que atua nessa escola, a fim de identificar limites, dificuldades e possibilidades para o desenvolvimento da sua prática pedagógica, bem como descrever seus saberes e estratégias produzidas na relação com a comunidade escolar.

Exponho ainda que o tema da pesquisa em questão para mim é muito caro; visto que sou professora em formação oriunda de favela. Portanto, carrego uma trajetória traçada em escolas que hoje se tornam o meu foco de pesquisa, pois acredito que seja muito importante entender as possibilidades e dificuldades que poderão se expressar em minha atuação e de outros colegas nesses cenários, além de dar visibilidade aos saberes docentes produzidos nesses contextos singulares.

Sendo assim, em parceria com o meu orientador - professor Admir Soares de Almeida Junior -, entramos em contato para, inicialmente, obtermos informações sobre os professores(as) de Educação Física que atuam nessa escola para que, se possível, haja uma cooperação para o desenvolvimento da pesquisa.

As informações necessárias sobre o professor(a) de Educação Física são:

Nome:

Contatos (telefone e e-mail):

Tempo de atuação na escola:

Aguardo retorno!

Desde já agradeço pela atenção e colaboração.

Carta convite aos professores:

Belo Horizonte, 04 de Janeiro de 2019.

Olá,

Eu me chamo Caroline Oliveira, sou estudante de graduação em Educação Física (Licenciatura) pela Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente estou cursando o 8º período e estou desenvolvendo meu trabalho de conclusão de curso (TCC), que tem como tema central: *A atuação do professor(a) de Educação Física em escolas de periferia urbana. (Vilas e Favelas)*. Por meio do TCC pretendo compreender o trabalho docente do professor (a) de Educação Física que atua nessa escola, a fim de identificar limites, dificuldades e possibilidades para o desenvolvimento da sua prática pedagógica, bem como descrever seus saberes e estratégias produzidas na relação com a comunidade escolar.

Exponho ainda que o tema da pesquisa em questão para mim é muito caro; visto que sou professora em formação oriunda de favela. Portanto, carrego uma trajetória traçada em escolas que hoje se tornam o meu foco de pesquisa, pois acredito que seja muito importante entender as possibilidades e dificuldades que poderão se expressar em minha atuação e de outros colegas nesses cenários, além de dar visibilidade aos saberes docentes produzidos nesses contextos singulares.

Sendo assim, em parceria com o meu orientador - professor Admir Soares de Almeida Junior -, entramos em contato para estabelecer uma cooperação para o desenvolvimento da pesquisa.

Desde já agradeço pela atenção e colaboração.

Termo de Consentimento Livre Esclarecido



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “EDUCAÇÃO EM FAVELAS: Experiências de professoras e professores de Educação Física” que está sendo desenvolvida por Caroline Gomes de Oliveira, aluna do Curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a orientação do Prof^o Dr. Admir Soares de Almeida Junior.

Neste estudo pretendemos compreender o trabalho do professor (a) de Educação Física que atua nessa escola, a fim de identificar limites, dificuldades e possibilidades para o desenvolvimento da sua prática pedagógica, bem como descrever as estratégias produzidas na relação com a comunidade escolar.

O motivo que nos leva a estudar essa temática é a inquietação de se pensar as formas nas quais as aulas de educação física vem sendo desenvolvidas em escolas que estão inseridas em Favelas/Periferias. Consideramos a importância de se pensar formas de aproximação das discussões acadêmicas com questões que emergem do movimento de se pensar a atuação docente nesses espaços.

Para este estudo adotaremos as narrativas autobiográficas das experiência docentes vividas nas escolas, a partir da utilização de Entrevista Narrativa como estratégia de produção de dados, que será realizada mediante gravação de áudio, e transcrição do mesmo.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador

Você autoriza que seu nome seja utilizado na discussão e resultados desta pesquisa.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

O (A) Sr (a) será identificado em qualquer publicação que possa resultar deste estudo.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos do estudo “EDUCAÇÃO EM FAVELAS: Experiências de professoras e professores de Educação Física”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Belo Horizonte, _____ de _____ de 2019.

Nome Assinatura participante

Nome Assinatura pesquisador

Nome Assinatura Orientador

Em caso de dúvidas com respeito deste estudo, você poderá entrar em contato com os Pesquisadores:

Caroline Gomes de Oliveira

e-mail: carolinegomes176@gmail.com

telefone: 31 98396-2224

Admir soares de Almeida Junior

e-mail: admir.almeidajunior@gmail.com

telefone: 31 99804-8017

Questões Gerativas da Entrevista:

- 1ª) Nome, idade e formação acadêmica.
- 2ª) Como foi o seu processo de formação escolar e acadêmica? Quais foram os caminhos percorridos até a sua atuação formação?
- 3ª) Para você o que significa trabalhar em uma escola em Vila/Favela?
- 4ª) Como é a escola, seus espaços estrutura, público atendido.
- 4ª) Como foi a sua inserção nessa escola, os processos de chegada, de acolhida, suas sensações sobre o espaço, etc.?
- 5ª) O que você consegue observar que a escola, assim como a comunidade por ela atendida, carrega do espaço onde se encontra?
- 6ª) No seu trabalho com a educação física, você consegue observar trejeitos do espaço, se sim quais? E como eles aparecem em suas aulas.
- 7ª) Diante disso, quais possibilidades e dificuldades você encontra na sua prática.
- 8ª) Quais as formas de diálogo você tem tentado ou conseguido estabelecer entre a educação física a escola e a comunidade escolar?